

MARIA RESSA

Como enfrentar um ditador

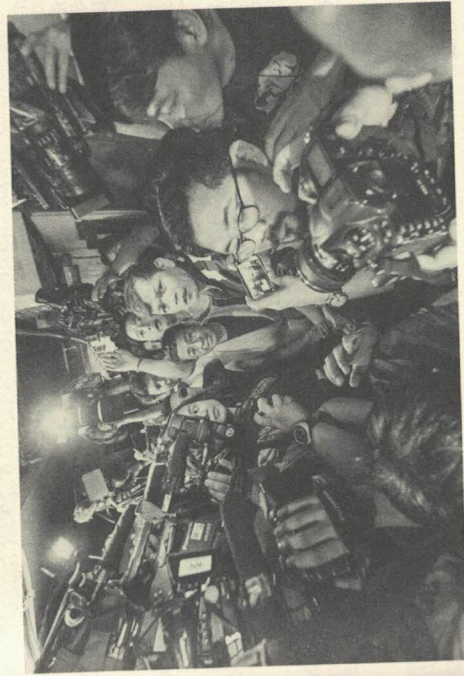
A luta pelo nosso futuro

Tradução
Débora Landsberg
Denise Bottmann
Isa Mara Lando



10. Não vire um monstro para lutar contra um monstro

Aceite seu medo



Depois de passar a noite detida, chego ao tribunal para pagar fiança, em 14 de fevereiro de 2019. Foto de Alecs Ongcal/Rappler.

queda da bola que anunciaria o início de 2019. Olhei meu celular enquanto nos chamavam ao palco, e minha irmã Mary Jane, a essa altura em casa com a família, me perguntava que canal deviam assistir. Minha irmã Nicole me mandou uma mensagem de Los Angeles, dizendo que já estava assistindo, enquanto meus pais e Michelle me mandavam mensagem de Manila declarando estar acompanhando pelo Rappler.

Começamos a subir ao palco, mas caiu uma chuva e cobri a cabeça com o capuz. Queria ser capaz de passar aquela energia e expectativa aos jornalistas como eu, que tinham que reunir esperanças para perseverar em meio a momentos difíceis. Só me restava ser grata.

A estrela pop Bebe Rexha foi ao palco para cantar “Imagine”, de John Lennon. Houve um momento de silêncio, e então a voz potente da moça começou a entoar aquela canção tão conhecida e encher o Times Square e lares do mundo inteiro. Fazia sentido que uma cantora americana cujos pais são albaneses transformasse as palavras de John Lennon, dando-lhes um novo contexto e significado, nos instigando outra vez a imaginar um mundo melhor.

Era o T.S. Eliot todo de novo: o presente transformando a primeira vez que ouvi John Lennon cantá-la e vice-versa. Passamos a cantar juntos aquela letra tão familiar.

“Você pode até dizer que sou um sonhador”, cantou Rexha, “mas não sou o único. Espero que um dia você se junte a nós... e o mundo seja um só.”

Enxuguei as lágrimas dos olhos.

“Feliz Ano-Novo, pessoal!”, exclamou Bebe. E uma alegria empolgante surgiu da plateia. Em seguida veio o minuto de contagem regressiva.

Contamos os últimos dez segundos aos berros e 2018 terminou.

Era 13 de fevereiro de 2019. O sol entrava pelas janelas do meu escritório, e — como costume fazer — parei para contemplar as cores do poente no horizonte de Manila. Estava para começar uma reunião com a nova equipe do Facebook em Cingapura, cuja função seria rastrear as operações de informação. Dessa vez, tinham nos procurado.

Era a primeira visita deles às Filipinas. O que me espantou neles, e também havia me espantado em Mark Zuckerberg, foi a juventude. Mas eu tinha aprendido a confiar na supervisora deles, uma ex-investigadora do FBI. Gemma Mendoza, que encabeça

nossa pesquisa sobre desinformação, estaria junto comigo para explicar à equipe do Facebook as táticas e metodologias das redes de ataque que havíamos descoberto.

Essa era minha penúltima reunião do dia, e eu pegaria o voo das seis da manhã rumo à Malásia no dia seguinte para entrevistar o primeiro-ministro Mahathir Mohamad. Queria dizer-lhes logo de uma vez tudo o que eu pensava, deixar a equipe do Facebook com Gemma e confirmar a entrevista com Mahathir antes de profêrir um discurso na Universidade das Filipinas e ir para casa arrumar as malas.

Na sala de reuniões envidraçada, de costas para a redação, dei início à minha apresentação. De repente, a certa altura, Beth entrou na sala. Um bocado surpresa, parei e apresentei-a à equipe do Facebook.

“Oi, Beth, esta é a nova equipe que está pesquisando as redes de desinformação no Facebook”, expliquei. “Pessoal, esta é uma das fundadoras do Rappler, Beth Frondoso.”

“Maria, não vire para trás”, ordenou Beth, lacônica. “Vieram te prender.”

É claro que me virei no mesmo instante. Por cima do ombro, vislumbrei Glenda ao celular e Chay falando com um grupo do que pareciam ser policiais à paisana. Os outros se espalhavam pela redação. Então olhei para o meu celular, que eu tinha deixado no silencioso, e vi uma montanha de mensagens de jornalistas, entre elas uma de Alexandra Stevenson, do *New York Times*.

“Nossos repórteres estão ao vivo, Maria”, Beth continuou, o rosto tenso. “Glenda está ligando para os advogados. Chay está segurando os policiais.”

“Está bem”, respondi, deixando as emoções de lado. “Todos, olhem para mim.”

Dois rostos jovens do outro lado da mesa se enrijeceram.

“Gemma, dê um jeito de tirar esse pessoal daqui sem estardalhaço”, instruí enquanto me virava para nossos parceiros do

Facebook. “Vocês não vão querer estar aqui se a situação piorar. Bom, vocês estão vendo o que a gente enfrenta só por cumprir nossa função, então por favor nos ajudem.”

Tentei manter a leveza. Eles começaram a juntar seus pertences. “A gente se fala depois”, continuei. “Quem sabe não jantamos no hotel de vocês. Só não sei quanto tempo vai demorar para eu pagar a fiança. Bom, é melhor vocês saírem daqui depressa.”

Enquanto tudo isso acontecia, uma das nossas repórteres, Aika Rey, de 24 anos, transmitia tudo ao vivo pelo Facebook, apesar de intimidada por um dos policiais à paisana da Agência Nacional de Investigação, o nosso FBI.¹ “Boca fechada, senão você vai ser a próxima”, o policial lhe disse.

Aika não cedeu. Estava apavorada e suas mãos tremiam, mas se lembrou das lições de nossos treinamentos de equipe e sabia da importância de levar a transmissão adiante.

Um policial de patente mais alta também a abordou, a voz firme e inflexível. “Você pode parar o que está fazendo?”, disse a Aika. “Pode ser? E diga aos seus colegas: se dermos de cara com vocês na rede, vocês vão se arrepender. Vocês vão se arrepender. A gente vai atrás de vocês.”

Aika o ignorou e continuou a transmissão ao vivo. Ele reagiu pegando o celular e gravando um vídeo dela fazendo a transmissão. Dá para ouvir a conversa toda deles no vídeo ao vivo do Rappler no Facebook. Também se veem outros dois policiais à paisana fazendo vídeos com seus celulares do escritório do Rappler, enquanto a maioria dos nossos funcionários continuava cumprindo suas funções. Sofia Tomacruz, que começou no Rappler na mesma época que Aika, também gravava um vídeo do policial que tentava intimidá-la.

Aika e Sofia eram da nossa terceira geração de repórteres. Fazia apenas um ano que Pia Ranada, parte da nossa segunda geração, tinha usado o celular para fazer uma transmissão ao vivo

dos policiais que tentavam bani-la do Palácio Malacañang. Não importa o que o governo faça contra mim ou o Rappler, a próxima geração de repórteres está ali, imbuída de uma missão ajustada a esta época e de posse de uma característica de que os bons jornalistas do mundo inteiro sempre precisaram: coragem.

Os cerca de uma dúzia de agentes da Agência Nacional de Investigação esperaram nossos advogados chegarem. Eu ainda estava na sala de reuniões quando um dos policiais recitou meus direitos — o direito de permanecer calada, o direito a um advogado. Parte de mim ainda não acreditava que aquilo estivesse acontecendo de fato. Então eles me tiraram do escritório.

Lá fora, fomos sitiados por jornalistas e câmeras. Eu não sabia o que dizer além de que iria para a sede da Agência Nacional de Investigação, conforme os policiais exigiam. Não queria dizer nada que lhes permitisse me tirar algum direito.

Havia pelo menos duas irregularidades nessa prisão: eles tinham chegado pouco antes de os tribunais fecharem, com um mandado incompleto, que não incluía a soma da fiança. Mas como eu já tinha imaginado os piores dos casos, sabia que havia um juizado de plantão que só fechava às 21 horas e poderia lidar com o nosso caso. Mesmo naquele momento eu achava que conseguiria embarcar no meu voo das seis horas rumo à Malásia.

Meu telefone não parava de vibrar com perguntas de repórteres. Pensando agora, eu devia ter conversado com a imprensa o tempo inteiro. Por que me amordaçar voluntariamente se o que o Estado fazia era tão grave? Mas foi o que eu fiz, e parte da razão era que não queria que os policiais tirassem meu telefone.

Quando cheguei à sede da Agência, acompanhada de Glenda, Beth e de nossos advogados, tivemos de aguardar na sala de reuniões. Depois de vinte minutos, olhei para o relógio e me dei conta de que estavam protelando para que o juizado de plantão fechasse, pois assim eu passaria a noite detida. Portanto resolve-

mos ignorar a placa de “Não entre” na porta e invadimos os escritórios deles, onde nos deparamos com os policiais jantando.

Foi o momento em que cheguei mais perto de levantar a voz. Eles sabiam o que estavam fazendo. Mas apesar de nossos protestos, continuaram procrastinando, e às 20h30 já estava claro que eu não conseguiria pagar a fiança. O plano deles tinha sido um sucesso. O governo queria que eu passasse a noite presa para me perturbar e me intimidar. Ver em primeira mão a mesquinhez deles e até que ponto chegariam só reforçou minha decisão de #HoldTheLine.

De novo me zanguei quando os agentes encarregados do cumprimento da ordem de prisão disseram que eu precisava fazer um exame médico depois de me ficharem. O Rappler já tinha um plano para esse processo de fichamento, com fotos prontas para desviar a atenção das fotos feitas pela polícia, que o governo distribuiria a blogueiros que o defendiam. Glenda e eu deixamos que os advogados negociassem com eles e voltamos à sala de reuniões.

No caminho de volta, fui parada pela esbaforida dra. June Pagaduan-Lopez, que eu conhecia da cerimônia de entrega de um prêmio que havíamos recebido, The Outstanding Women in the Nation's Service (Town's), concedido pela organização homônima, voltada para mulheres de destaque. Ela fora à sede da agência assim que soube da minha detenção porque não queria que eu ficasse sozinha durante meu exame médico, em que a pessoa é obrigada a tirar a roupa e está mais vulnerável que nunca. Ela sabia que eu podia trazer meu próprio médico, portanto me pediu que a declarasse minha médica, o que fiz.²

Fiquei estupefata com tamanha bondade — porque, por mais que você se planeje, não consegue pensar em tudo. Fiquei de olhos marejados: June estava sendo muito prestativa, movida por seu conhecimento do que poderia dar errado em situações como essa. A

bondade de estranhos seria um tema recorrente dos anos seguintes, aumentando minha fé na generosidade da natureza humana.

Do lado de fora, ouvíamos os brados: "Libertem Maria Ressa!" Eu nem acreditava: jovens lideranças do partido Akbayan, Millennials PH e outros grupos apareceram para protestar contra a minha prisão.

Depois Beth nos botou a par da reunião anual na Universidade das Filipinas, onde eu discursaria naquela noite.³ No meu lugar, Beth havia mandado Patricia Evangelista, que fizera as matérias da Série sobre Impunidade⁴ relativa à guerra às drogas. Ela contou aos milhares de estudantes reunidos o que tinha acontecido e leu nossa declaração:

Se essa é mais uma das diversas tentativas de nos intimidar, ela não será bem-sucedida, conforme as tentativas anteriores já demonstraram. Maria Ressa e o Rappler continuarão a exercer suas funções no jornalismo. Vamos continuar falando a verdade e divulgando o que vemos e ouvimos. Somos acima de tudo jornalistas. Somos os que contam a verdade.⁵

Beth nos mostrava o vídeo do discurso em tempo real. A certa altura, a área aberta foi engolfada por milhares de luzes⁶ até onde os olhos alcançavam, pois os estudantes ergueram os celulares e bradavam: "Defendam, defendam, defendam a liberdade de imprensa!"

O dia em que fui presa pela primeira vez — o primeiro de dez mandados de prisão contra mim em menos de dois anos — me transformou. E deixou claro que o governo inaugurava uma nova fase na guerra contra a liberdade de imprensa e contra mim. Eu ouvia até um policial conversando ao telefone com alguém do palácio, relatando todos os passos que davam.

Glenda e Beth passaram a noite comigo, o que aliviou um pouco do estresse. Tentamos dormir na cadeira quando possível, mas na maior parte do tempo trabalhamos (pelo menos nos permitiram usar notebooks). Na manhã seguinte, as negociações da fiança começaram cedinho. Seria a sexta vez que eu pagaria fiança em mais ou menos dois meses. A quantia seria a maior até então, de 100 mil pesos filipinos, o que equivale a 2 mil dólares. Mas eu sorria enquanto repetia esses detalhes à imprensa ao deixar a sala de audiência.

Sorria porque tinha raiva. Só se vê um indício dessa raiva quando um repórter pede que eu reaja à declaração dada pelo ministro da Justiça Menardo Guevarra, de que minha prisão era culpa do Rappler.

"Deixe-me pôr a questão de outra forma", fui logo dizendo, antes de parar para me controlar. "Sr. Guevarra, ministro da Justiça, que eu imaginava ser um profissional. Essas atitudes são suas. O que sentimos na sociedade é um efeito dominó, mas o senhor não quer ser conhecido como o ministro da Injustiça. Eu também tenho o direito de lhe cobrar responsabilidade. Sou cidadã deste país e o senhor não pode infringir meus direitos."

Nessa noite, quando o meu governo tirou minha liberdade, a linha da repressão foi vinculada diretamente a mim. Esse foi o momento em que meus direitos foram violados, em que passei de jornalista a cidadã. Se podiam agir assim com jornalistas que tinham certo poder, sob a luz dos holofotes, o que não fariam com cidadãos vulneráveis que estavam literalmente nas sombras? Que recurso uma pessoa pobre tinha em um beco escuro?

"Para mim, são duas as questões: abuso de poder e a transformação da lei em arma", eu disse aos repórteres reunidos ali. Era a primeira vez que eu falava em público em tom tão duro: sempre que o governo fazia algo draconiano, ele me radicalizava. "A questão não sou só eu e não é só o Rappler. O recado que o governo

está mandando é muito claro, e uma pessoa chegou a dizer a uma repórter nossa na noite passada: 'Boca fechada, senão você vai ser a próxima'. Então, estou suplicando que vocês NÃO se calam — mesmo se — e principalmente se vocês forem os próximos!"

A liberdade de imprensa não diz respeito apenas a jornalistas. Não é uma questão só minha; não é uma questão só do Rappler. A liberdade de imprensa é a base do direito que todos os filipinos têm de ter acesso à verdade.

Silêncio é cumplicidade porque silêncio é consentimento.

"O que estamos vendo é a morte da nossa democracia através de milhares de pequenos cortes", prossegui. "E rogo que vocês se juntem a mim... Eu sempre disse que daqui a uma década, quando olhar para trás, eu quero ter a certeza..."

Minha voz ficou embargada, por isso me repeti.

"Eu quero ter a certeza de que fiz tudo o que era possível. Não vamos nos esquivar. Não vamos nos esconder. Vamos defender a linha."

Não foi nenhuma surpresa, mas me prender não fez com que eu miraculosamente me calasse, nem impediu o Rappler de noticiar casos de corrupção e abusos de poder. Por isso, o governo filipino me prendeu de novo pouco mais de um mês depois. Até certo ponto, eu me perguntava se ser presa todo mês se tornaria algo normal para mim. Aceitei que fosse assim.

Aquela altura, já tinha aumentado minha segurança, às vezes usando um segundo carro para seguir o meu quando recebíamos pistas de possíveis ameaças. Essa medida veio acompanhada do aumento da segurança em torno do Rappler e dos funcionários mais vulneráveis da empresa. Esse processo todo mudou nossa vida. A certa altura, minha permanência em Manila ficou dispensável demais.

Assim, comecei a aceitar mais convites estrangeiros para dar palestras. Afinal, poderia trabalhar de qualquer lugar, e os fusos horários me possibilitariam encher mais meus dias. Discursar fora do país também era um jeito eficaz de acionar o alarme da comunidade global: se isso estava acontecendo conosco, também aconteceria com os outros. Se não hoje, em breve.

À medida que os mandados de prisão e processos contra mim aumentavam, aumentava também o número de juízes que precisavam me dar autorizações para viajar. De dezembro de 2018 a março de 2020, tive de obter 36 autorizações.

No dia 27 de março de 2019, uma quarta-feira, pouco depois das 22 horas, eu esperava no aeroporto de San Francisco, logo após fazer o check-in em um voo direto para Manila que duraria treze horas.

Meu telefone começou a se encher de alertas. Sentindo a já conhecida onda de pânico, olhei o chat do grupo das *manangs* e dos nossos advogados da ACCRALAW, que a essa altura eram pressionados pelo governo a abandonar nossos processos. Os advogados me avisavam que previam um mandado de prisão expedido contra mim em breve — meu sétimo. Um deles resumiu a pior das hipóteses. Esta é a mensagem dele, exatamente como a recebi:

1. Policiais vão entrar no avião e retirar a Maria antes que os passageiros sejam desembarcados;
2. Após a detenção, a Maria não vai passar pela imigração e será levada do aeroporto para o centro de detenção;
3. Os policiais que fizerem a prisão vão confiscar seu telefone e ela não terá como se comunicar com nenhum de nós;
4. A Maria será detida indefinidamente e não terá acesso a nós.

Depois que li as mensagens, precisei parar, respirar fundo e me apoiar na parede. Mais uma vez, o governo subia um degrau em termos de tática. Estariam as Filipinas virando uma Coreia do Norte?

As *manangs* já atualizavam em que pé se encontravam em suas tarefas predeterminadas: Glenda estava entrando no carro para ir ao tribunal pagar a fiança. Beth cuidava da imprensa e da segurança, e fazia perguntas a nossos advogados para poder repassar informações a nossos motoristas e escoltas. Chay solicitava a documentação toda para poder começar a elaborar nossa matéria no Rappler.

Eu? Eu tinha que lidar com o medo.

Nos últimos meses, tinha me habituado a me preparar para os piores dos casos. Deixava na bolsa dinheiro para pagar fiança e tinha uma “bolsa de emergência” no carro para o caso de outra prisão: nela, guardava roupas, uma toalha, uma escova de dentes e até uma fronha. Já tinha me imaginado sendo detida em um aeroporto ao sair de Manila e já tinha adquirido um segundo computador, mais novo, com menos documentos guardados, para o caso de meus aparelhos eletrônicos serem confiscados.

Dessa vez, no entanto, estava despreparada. Corri pelo aeroporto para achar uma loja que vendesse uma muda de roupas para o caso de ser realmente detida e presa na volta. Acima de tudo, precisava desanuviar a cabeça. Acabei me dirigindo à sala de espera do aeroporto e me sentei em uma cadeira de canto. Peguei meu notebook e comecei a deletar os documentos mais sigilosos.

Quando os ratos abandonam o navio, é sinal de perigo.

Eu já tinha sentido isso antes, ao encabeçar a negociação da libertação de nossos jornalistas com um grupo terrorista, o Abu Sayyaf, quando estava na ABS-CBN. Quando se é parte de uma empresa gigantesca, a política dita o alinhamento e as pessoas têm como evitar riscos pessoais. Nos momentos mais cruciais, os que se preocupam com poder lavam as mãos se eximindo de qualquer responsabilidade, tirando seu apoio no momento em que ele é mais relevante.

Num grau menor, a apresentação de acusações criminais contra o conselho diretor do Rappler em 2019 teve o mesmo efeito.

Nossos diretores eram os melhores nos seus ramos de atuação e também eram meus amigos. As acusações que enfrentaram — e os mandados de prisão contra eles — se deviam ao fato de acreditarem em mim e no Rappler. Mas não foi uma surpresa — embora tenha sido desanimador — que as pessoas mais bem-sucedidas de suas áreas se sentissem obrigadas a se afastar de nós, os jornalistas.

Foi essa a situação que Glenda me descreveu ao telefone antes de eu chegar em casa. Em um restaurante perto do tribunal, ela estava com nossos advogados, bolando estratégias, enquanto numa mesa vizinha três de nossos diretores debatiam o caso com os advogados deles, apesar da nossa proposta de juntarmos nossas defesas. No passado, tínhamos permanecido unidos, mas agora tínhamos reações diferentes aos ataques do Judiciário. Um de nossos diretores não pagou fiança e evitava a volta às Filipinas, um enorme sacrifício, já que sua família morava no país. Outro, que já tinha sido presidente da IBM nas Filipinas, pagou fiança no fim daquele dia.

“Estou muito preocupada com a possibilidade de que a estratégia de dividir para conquistar funcione, Glenda”, comentei.

“Você não tem o que fazer quanto a isso, Maria”, Glenda respondeu.

“Posso ligar para eles”, eu disse. “Que acordos o governo pode oferecer? Você acha que a gente deve se preocupar com isso?”

A capacidade que o governo tem de semear discórdia é desconcertante. Não sou ingênua: tinha passado minha carreira obcecada servando como nosso país sempre tinha funcionado através de acordos por debaixo dos panos. Ainda assim, sempre evitei a corrupção. Agora meus amigos — cidadãos bem-sucedidos, honrados — vieram-se em uma situação em que sofriram ataques pessoais, em que seus negócios eram ameaçados. Eu me senti culpada por tê-los arrastado para dentro daquela crise.

Aquela altura, as quatro *manangs* já tinham se tornado peritas em lidar com as intimidações do governo. Quando uma crise acontecia, estávamos um passo à frente do nosso inimigo, as quatro tomando decisões rápidas condizentes com nossos valores e impregnadas de nossas experiências. Nos aconchegávamos em uma ligação que abarcava as quatro, com Glenda nos botando a par do que os advogados diziam: a acusação, a soma da fiança. Chay fazia perguntas que serviriam para rascunharmos a matéria que seria publicada.

Eu lhes fiz a mesma pergunta que ardia dentro de mim: qual era a reação delas à pior das hipóteses desenhada pelo nosso advogado? Cheguei a ressuscitar o fantasma do assassinato de Ninoy Aquino, que em 1983 foi retirado de um avião e baleado na pista de decolagem.

Elas riram, aliviando minha tensão. Todas deram respostas calculadas, ponderadas, ao meu questionamento. São os medos de que as pessoas nunca falam: você é capaz de imaginar infinitas possibilidades horróricas, e, caso seja o alvo, precisa de um choque de realidade nos momentos mais importantes. Os *rappers* seguram as pontas uns dos outros.

Um anúncio pelo alto-falante do aeroporto interrompeu a ligação. Era hora de embarcar. Eu me despedi, arrumei minhas coisas e me dirigi ao portão. Quando cheguei ao meu assento no avião, guardei minha mala e pedi suco de laranja.

Eram quatro horas da tarde em Manila, faltava menos de uma hora para os tribunais encerrarem o expediente. Ainda não havia mandado de prisão expedido contra mim. Talvez a pior das hipóteses não extrapolasse nossas imaginações. Tomei meu suco e comecei a me sentir melhor.

A porta do avião se fechou. Foi quando recebi uma mensagem que me fez passar as treze horas de voo praticamente sem pregar os olhos.

“O juiz expediu o mandado de prisão. Se prepare para ser detida.”

Minha adrenalina estava nas alturas quando aterrissamos. Por sorte, o avião não foi parado na pista. Enquanto juntava minhas coisas, eu repassava meu plano de ação, passo a passo, deixando meus dois celulares engatilhados para que bastasse apertar um botão e entrar ao vivo na página do Rappler, dedicando os pensamentos à memória muscular.

Quando a porta do avião se abriu, fui a primeira a descer. Ao sair, comecei uma transmissão ao vivo pelo Facebook em um dos celulares, com o outro já preparado no bolso de trás. Assim que desembarquei do avião, policiais me abordaram, com duas mulheres à frente. Uma me puxou de lado e começou a recitar meus direitos. Havia pelo menos outros seis policiais, e um homem que parecia ser o supervisor deles estava à espreita ali perto.

Eles pediram que eu cobrisse as mãos com meu casaco. Perguntei o porquê. O protocolo exigia que me algemassem, mas deviam ter achado aquele ato esquisito ou difícil por algum motivo. Aguardei enquanto tentavam achar um meio-termo. A desavença sutil do grupo era reveladora. Os indivíduos de um país que está resvalando para a autocracia não perdem a ação pessoal de um dia para o outro: todo dia, eles escolhem ceder ou não às exigências do autocrata.

Falei para eles que não fingiria estar algemada. Um advogado da ACCRALAW intercedeu quando comecei a levantar a voz. Após uma breve discussão, o grupo me escoltou pela imigração e a área de retirada de bagagens, minhas mãos livres das algemas.

Seis agentes com equipamentos da SWAT esperavam dentro do furgão, totalmente armados. Acho que, para um governo que vive de falsidades, jornalistas são terroristas, disparando bombas que explodem suas mentiras.

Quando uma das policiais segurou minha cabeça, no momento em que eu entrava no furgão, eu a rechacei. De certa forma, aquela mão na minha cabeça simbolizava todas as injustiças a que me submetiam.

Então me lembrei: recue. Reprima as emoções. Procure pensar com lucidez.

E de novo, paguei fiança e segui em frente.

No mês seguinte a essa prisão, fui a Nova York para o lançamento oficial do TrialWatch, um sistema de observação de julgamentos do mundo inteiro, criado pela Clooney Foundation for Justice.⁸ O governo das Filipinas ainda me permitia sair do país, mas, como sempre, antes de qualquer viagem, eu tinha que passar por um processo árduo e enfurecedor de pedir autorizações a juízes. Precisava gastar tempo e dinheiro para entrar com essas documentações jurídicas, e toda vez que aguardava, apesar das incertezas, e acabava pagando fiança, a vontade de garantir meus direitos aumentava.

Também estava exausta. Minha falta de sono fica evidente na minha pele. Tenho dermatite atópica e eczema, uma pele extremamente seca que rompe — a pele fica rachada quando estou estressada. Ao longo dos anos em que venho lidando com isso, fui percebendo como minha cabeça e minhas emoções têm um papel tão relevante quanto os remédios que meu dermatologista me receita, mas fazia semanas que eu vinha ignorando o último surto nos meus pés — semanas que agora já tinham virado meses. Estava tão ruim no avião que uma amiga me levou ao médico logo depois.

Fazia frio e ventava muito na manhã do TrialWatch, cuja cerimônia aconteceria na Escola de Direito da Universidade Columbia. Fui para a última fileira do auditório e montei o tripé e a

câmera. Faria a transmissão do evento ao vivo no Rappler. Quando subi ao palco, me vi diante de um panteão de ativistas pelos direitos humanos, advogados, figurões da tecnologia e jornalistas. George e Amal Clooney estavam na primeira fila.

O painel falou de como a lei tinha sido transformada em uma arma contra jornalistas mundo afora e de por que era tão importante ter observadores internacionais nos tribunais. Não havia exemplo melhor do que nós três, que estávamos no palco: à minha direita estava Mohamed Fahmy, um egípcio-canadense que passara 437 dias encarcerado no Egito;⁹ à minha esquerda estava o iraniano-americano Jason Rezaian, que ficara 544 dias preso no Irã.¹⁰

Ao escutá-los, me dei conta de duas coisas: de que ainda não tinham me detido por mais de uma noite, só para me amedrontar, portanto era provável que a minha situação piorasse; e de que ter uma identidade hifenizada, como a de filipino-americana, talvez me ajudasse quando isso acontecesse.

Depois que a apresentação terminou, sussurrei para Fahmy: “Então, que conselho você me daria?”.

“Chame a Amal para ser sua advogada”, ele declarou.

Depois do painel, fui conduzida a uma das salas do andar de cima. Passado pouco tempo, Amal e George entraram. A porta se fechou e Amal se sentou à mesa dela. “Tenho pensado no que importa de verdade”, Amal começou, “e acho que você tem uma escolha a fazer quanto ao envolvimento que quer que eu tenha.”

Em seguida, sem parar, ela passou a explicar exatamente o que me aconteceria, oferecendo como exemplo suas próprias experiências com vários jornalistas em diversos países. Peguei meu caderno e comecei a escrever desesperadamente.

Amal resumiu as duas maneiras como poderia se envolver: ou como chefe da TrialWatch, mandando observadores aos meus

juízos, caso em que teria de ser mais cautelosa quanto à minha situação. Ou poderia me representar, caso em que atuaria como minha advogada.

Bom, a escolha me parecia fácil. Ela resumiu algumas das lições que tinha aprendido com os casos nos quais havia trabalhado, trazendo referências de inúmeros países, como Azerbaijão e Egito, além da negociação que estava em andamento pela libertação dos jornalistas da Reuters Wa Lone e Kyaw Soe Oo, encarcerados em Mianmar. Ela esperava que fossem soltos em até duas semanas, com o perdão presidencial.

“Mianmar não tomou outra atitude linha-dura ontem à noite?”, indaguei.

“É preciso dar a governos como esses um espaço para que mantenham as aparências, Maria”, Amal respondeu. “Tem coisas que acontecem publicamente e tem coisas que acontecem por trás dos panos. Eu nem posso falar de boa parte do trabalho que faço.”

Em seguida, Amal perguntou sobre especificidades dos meus processos. Quem mais além de Duterte poderia exercer influência sobre os meus casos? Seria possível que eu e o Rappler tivéssemos julgamentos justos? Eu lhe disse que até então nem uma decisão sobre esses processos ridículos tinha sido a nosso favor.

E depois que o Estado entra com um processo penal contra alguém, as pessoas o olham de outro jeito — assim como eu tinha olhado para Leila de Lima. A pessoa não é exatamente inocente até prova do contrário: você precisa provar sua inocência. Por alguma razão, nosso instinto nos manda confiar na ideia de que o Estado não usará seu poder de uma forma absurdamente vingativa — até que as provas de que usará se tornem avassaladoras. Eu estava grata porque, embora Amal dissesse que precisava estudar nossos processos, ela sabia que eu estava sendo acusada injustamente por fazer o meu trabalho.

Ela perguntou por que eu não ficava nos Estados Unidos, já que tinha dupla cidadania e minha família morava lá. É uma pergunta que volta e meia escuto, e minha resposta nunca mudou. Eu administro o Rappler: sou responsável pela empresa. Se eu ficar com medo, quem será o próximo a aguentar o impacto desses ataques? Seria uma traição com todo mundo que acredita na missão do Rappler e que nos apoia.

Mas a conversa com Amal me mostrou como eu estava ainda mais despreparada do que havia imaginado para os piores dos casos. Sabia muito pouco sobre direito internacional e os processos da ONU e sobre o que poderia ter de enfrentar nos dias seguintes.

Detesto me sentir despreparada, pois é aí que fico com medo. E fiquei mesmo.

Quase duas semanas depois, Wa Lone e Kyaw Soe Oo saíram da prisão de Mianmar, tendo ficado mais de quinhentos dias encarcerados, uma parte da pena de sete anos a que tinham sido sentenciados por supostamente infringir a Lei de Segredos Oficiais do país. Estavam entre os 6620 prisioneiros soltos sob indulto presidencial, assim como Amal Clooney previra.

As notícias reforçavam a dolorosa constatação que eu vinha formulando: eu não poderia permitir que nossa equipe editorial soubesse que Amal havia previsto aquilo. Já não podia contextualizar as notícias de última hora porque agora minha principal tarefa era lutar pelos meus direitos. Que ironia para uma repórter: quanto mais você descobre, menos pode contar.

Amal concordou em ser minha assessora jurídica e ajudar o Rappler. A medida que íamos trabalhando juntas, eu me dava conta do quanto ela é singular:¹¹ é extremamente atenta aos detalhes e tem uma mente estratégica que, assim como a minha, se prepara para o pior. A objetividade de suas mensagens públicas

demonstra a influência que sofreu de sua mãe jornalista. Eu brincava que, se eu tenho uma lanterna para jogar luz sobre as coisas, Amal tem enormes holofotes. Embora no início se concentrasse nos direitos humanos, nos anos seguintes ela se viu lutando pelos jornalistas e pela mídia independente. Ela trabalha em prol da mudança tanto nas trincheiras, no nível micro, como nos salões do poder do palco global.

Amal reuniu uma equipe jurídica internacional brilhante, formada por profissionais inteirados dos riscos de ser jornalista. Uma delas, Caoilfhionn Gallagher, já tinha trabalhado no caso de Jamal Khashoggi e sido a principal advogada da família de Daphne Caruana Galizia, a jornalista maltesa que tinha sido assassinada.¹²

Aprendi muito ouvindo-os contar como todos trabalhavam e o que faziam. Acima de tudo, passei a enxergar como o direito internacional precisava ser reformulado, também por causa da raiz da questão: as transformações do nosso ecossistema informacional. Afinal, os fatos são o cerne do estado de direito.

“Me sinto, sim, pressionada quando trabalho em casos como o seu”, Amal me disse. “Até certo ponto, seu caso me faz passar a noite em claro, e é para ser assim... Seu adversário é a pessoa mais poderosa do país.”¹³

De vez em quando, brinco que tenho que agradecer ao presidente Duterte por nos atacar. Senão, não teria precisado de tanta colaboração: nem dos meus advogados, dos milhares de pessoas que contribuíram com o nosso fundo de defesa, nem de todo mundo que nos ajuda a defender a linha.

Em fevereiro de 2020, eu estava passando três dias e meio abarrotados em Londres. Mal sabíamos que dali a um mês um vírus pararia o mundo.

Em Manila, manifestações diárias aconteciam em frente à ABS-CBN, exigindo que sua concessão fosse restabelecida. Sobre-

vam incertezas enquanto as Filipinas preparavam a celebração do 34º aniversário da Revolução do Poder Popular.

Eu estava tentando terminar alguns trabalhos, mas o calor no meu quarto era sufocante. Tinha conseguido trabalhar pelo menos uma boa hora, mas me sentia desconcentrada, desequilibrada. Estava tão cansada, minha cabeça tão confusa, minha pele agitada, me dizendo que eu precisava dormir.

Amal fazia questão de que eu fosse jantar na casa dela durante a viagem. Precisávamos conversar, explicou, sobre as preocupações que ela tinha desde o começo — era uma conversa que só poderíamos ter pessoalmente.

Era um daqueles momentos de ou vai ou racha: era como a sensação que se tem logo antes de mergulhar na cobertura de uma zona de guerra, quando se tenta prever tudo o que pode dar errado. E se eu simplesmente não voltar a Manila, escolher um caminho seguro e continuar onde estou? Mas já era hora de aceitar meu medo. Essas discussões com advogados acabaram desencadeando uma das minhas maiores crises de autoconfiança.

Na casa de Amal, naquela noite, ela trouxe à baila o caso de Daphne Caruana Galizia. Caoilfhionn Gallagher já tinha me falado do bastante de Daphne e tinha inclusive me mostrado alguns dos ataques virtuais que ela havia sofrido, com sua cabeça enxertada em corpos de animais, depois que lhe mostrei alguns dos memes desumanizantes usados contra mim.

Contei a Amal que os filhos de Daphne também já tinham falado comigo. “Matthew e Paul fizeram questão de me dizer que estavam preocupados comigo. Matthew me chamou para almoçar e disse: ‘Você está seguindo os passos da minha mãe’. Isso me assustou, Amal, porque ele estava na cozinha quando a bomba do carro explodiu e matou a mãe dele.”

A certa altura, a família de Daphne pegou o que me dizia em particular e divulgou uma declaração:

Ao longo dos anos, vimos o ex-primeiro-ministro de Malta Joseph Muscat e seus amigos lançarem cada vez mais loucos contra Daphne... Esse assédio direcionado, cuja similaridade com o que é perpetrado contra Maria Ressa é horripilante, foi o que criou condições para o assassinato de Daphne. O governo das Filipinas está criando a possibilidade de um ataque violento contra Maria e contra outros jornalistas. O assédio judicial direcionado a Maria a identifica, para os funcionários e apoiadores de Duterte, como inimiga, e lhes dá uma permissão implícita para que façam mais investidas.¹⁴

“A situação é muito volátil”, disse Amal, “e você está à mercê deles.”

Tentei escutar e me abrir para as ideias de Amal. Sabia que precisava prestar atenção ao que me dizia. O jantar ensejou dois dias de intensas dúvidas e autoquestionamentos. E me deixou com medo. E fazia muito tempo que não me sentia só. Portanto imaginei novos rumos e os levei a cabo na minha imaginação.

De manhã cedo, entrei em contato com as *manangs*. Glenda, Beth e Chay estavam encerrando uma marcha de protesto em frente à ABS-CBN. Elas se amontoaram no estacionamento enquanto eu lhes expunha minhas preocupações. Será que estamos enxergando apenas as árvores, e não a floresta inteira? Será que o sapo já estava dentro da água fervente? As vítimas de represão e assassinatos pelo Estado sabem a hora de ir embora? Lembrei a elas que, no dia em que o jornalista do *Washington Post* Jason Rezaian e sua esposa Yeganeh foram mandados para a cadeia no Irã, eles tinham planejado sair do país.

A conversa foi muito difícil porque era um raro momento em que nossos interesses pessoais e profissionais divergiam. Elas sabiam que eu estava com medo e que se agisse segundo o

medo, os fracassos graduais, as repercussões, recairiam sobre elas. A esta altura o leitor já sabe que amo as *manangs*: elas são o melhor exemplo da bondade da natureza humana, de como lutar contra nossos maiores demônios e tomar o rumo certo em prol do bem público. E eu não queria ser o rato que abandona o navio, provocando uma debandada que no final das contas faria o navio afundar.

Portanto, minhas cofundadoras lembraram que em épocas de crise sempre demos um passo para trás, avaliamos a situação e calibramos com muito cuidado nossa reação a ela.

“Olhe para a história”, disse Glenda. “Nós sabemos onde isso vai dar. Nós sempre soubemos o que estávamos fazendo e nada mudou.”

Ela ressaltou que os ataques do governo eram de natureza judicial, coordenados por Jose Calida, o procurador-geral. Que a arma escolhida pelo governo Duterte, pelo menos para nós, naquele momento, era a guerra judiciária.

“A gente tem que ficar de olho para ver se isso vai mudar”, Beth nos lembrou. “E estamos de olho. Temos fontes suficientes para saber se isso vai mudar.”

Mas, à medida que mais expurgos aconteciam no governo, nas forças policiais e nas forças armadas, aqueles que eram profissionais, competentes e tinham um histórico que justificava nossa confiança neles como fontes, aos poucos optavam por se retirar — ou se aposentavam ou simplesmente se calavam enquanto os nomeados de terceiro escalão assumiam o comando. Era uma mistura desastrosa de incompetência, arrogância e impunidade.

“Maria, você seria considerada foragida sob fiança”, Chay me lembrou.

Embora o governo transformasse o estado de direito em uma farsa, eu seguia os princípios da legislação. Mas estaria infringindo a lei se não me sujeitasse quando acusada ilegalmente? Era uma

ideia que Amal reforçava o tempo inteiro, a espiral descendente que acontece quando as pessoas encarregadas de preservar a solidez do estado de direito o distorcem e o infringem. Não resta nada.

Na manhã do dia seguinte, quando embarcaria no voo para Manila, fui tomar café da manhã com Caoilfhionn. Ela começou a enumerar os próximos passos, e, assim como Amal, foi muito firme ao exprimir sua preocupação com o dilema que eu vivia. Caoilfhionn estava profundamente imersa no trabalho judicial e advocatício de ajudar jornalistas e ativistas pelos direitos humanos em alguns dos lugares mais complicados do mundo. Tinha coragem de visitar países dos quais outros advogados guardariam distância. Eu confiava nela também.

Mas eu estava de volta à terra firme em termos emocionais. Quando a acompanhei até a porta do hotel, trocamos um abraço. “Você vai embarcar, não vai?”, Caoilfhionn me perguntou. “Vou, sim”, confirmei. “É lá que eu tenho que estar e é isso o que preciso fazer.”

Desde 2019, sou sempre questionada pelos entrevistadores sobre o porquê de escolher voltar às Filipinas, e minha resposta é simples: não tenho alternativa.

Com o passar do tempo, a pessoa se acostuma ao medo. Ele diminui. Aceita-se o que pode acontecer, e se acontecer, então como agir? Sou capaz de fazer uma dissecação clínica da pior das hipóteses. Sei que consigo sobreviver. Há lados positivos até nas piores coisas. Se eu for para a cadeia, posso dormir, por exemplo.

Nos últimos meses de 2019, e certamente quando o mundo entrou em lockdown devido à covid, em março de 2020, minha exaustão era tanta que eu estava às raias de um colapso nervoso.

A máquina de propaganda de Duterte vinha me atacando fazia quase quatro anos, e não somente com postagens misóginas e sexistas viscerais, mas também com metanarrativas sobre minha suposta criminalidade a fim de preparar o palco para os futuros atos do governo contra mim. Os processos foram se amontoando, até que, em determinado momento, passei a precisar da autorização de juízes para deixar as Filipinas — o que, até aquele instante, ainda me era garantido. Talvez o governo quisesse me transformar numa foragida sob fiança. Mas, conforme as *manangs* diziam, isso faria da mentira deles uma verdade. Fugir após pagar fiança seria violar a lei. Eu me tornaria uma criminosa.

Tudo havia ficado claro para mim: ninguém pode obrigar alguém a fazer algo que não queira. Todas as atitudes do governo — os ataques na internet, as ameaças do presidente, os processos que apresentavam — tinham o objetivo de me assustar, de modo que eu ficasse tão amedrontada que deixasse de ser eu mesma. Queriam que eu agisse como eles.

Porém: Eu. Não. Sou. Igual. A. Eles.

O termo *gaslighting* — em que o abusador se nega a ser responsabilizado, alegando que a vítima do abuso é maluca ou acusando-a de cometer as ações do abusador — adquiriu um novo sentido na época das redes sociais, em que o abuso é exponencial e cria um efeito manada. Portanto, ainda que as mentiras reiteradas provavelmente convencessem alguns de que eu era uma criminosa, elas também me convenciam de que o governo estava disposto a infringir a lei para consolidar seu poder. Eu falava por experiência própria. Tinha provas.

E com isso cheguei a duas constatações, uma a meu respeito, outra a respeito deles.

Vamos começar pelos operadores políticos e outros cujo senso de moralidade é tão reduzido que eles se dispõem a manipular os órgãos do governo e a lei para atacar uma jornalista. Lacaio

que não só infringem a lei constantemente como usam o poder que têm para se justificar. Os valores implícitos nas palavras e nos atos¹⁵ do governo Duterte eram iguais aos da máfia: use seu poder em benefício próprio; escape ileso sempre que possível. Funciona na política feudal norteadada pelo clientelismo e funciona também quando se constrói uma cleptocracia em escala nacional.

Todas essas palavras difíceis, esses problemas sociais são causados pela forma como as pessoas que elegemos exercem o poder: a ganância (também conhecida como corrupção) serve de âncora para isso tudo. Com o tempo, a manutenção do poder se torna imprescindível, pois tudo o que foi feito por dinheiro seria exposto se esse poder mudasse de mãos.

A medida que nos aproximávamos das eleições presidenciais seguintes, em maio de 2022, mais os aliados de Duterte ficavam desesperados diante da possibilidade de sair do poder. Tomavam medidas cada vez mais ousadas, desde mudar a Constituição a aumentar o nível de violência para evitar que outras pessoas se quer se candidatassem, passando pelo suborno dos militares e da polícia com benefícios e aposentadorias cada vez maiores. Duterte admitia: ele liderava através da violência e do medo.¹⁶

Era por isso que eu sempre voltava para a minha terra e por isso que vou continuar nela e lutar até o fim: acredito que o modo de revidar é expor cada passo abusivo que esse governo está tomando contra mim, o Rappler, outros jornalistas, ativistas pelos direitos humanos e cidadãos filipinos.

Há uma ótima citação de Ursula Le Guin (que usava “menino” e “homem” neste parágrafo; eu, contudo, usarei, no lugar de “menina” e “mulher”): “Você imaginava, quando menina, que um mago é alguém que pode fazer qualquer coisa. Foi o que imaginei, no passado. Todos nós imaginávamos. E a verdade é que a medida que o poder real de uma mulher cresce, e seu conhecimento se amplia, o caminho que ela pode seguir vai ficando cada

vez mais estreito, até que, por fim, ela não escolha nada e faz única e exclusivamente o que *precisa fazer*”.

Enquanto as redes sociais martelavam as rachaduras da sociedade, tirando proveito de nossas inseguranças, o caminho à frente era simples: precisávamos superar o ruído.

Você sempre tem a opção de ser quem é. Eu escolho — como sempre escolhi — viver segundo os valores que definem quem sou.

Não vou me tornar uma criminoso para lutar contra um criminoso. Não vou virar um monstro para lutar contra um monstro.

Você dá mais valor à vida quando a está vivendo sob ameaça, e luta a cada passo, momento a momento, em busca de sentido. Essa foi a maior lição que Twink me ensinou.

Aquela altura, seu primeiro casamento já tinha sido anulado, e ela tinha enfim encontrado o grande amor de sua vida e dado à luz um filho chamado Juancho, de quem fui uma madrinha (ou *ninang*) ausente. Depois que inauguramos o Rappler, ela se tornou a diretora do canal Bloomberg TV Philippines, colunista do *Philippine Star* e âncora da TV5. Mas continuamos próximas, uma se atualizando sobre a vida da outra em jantares demorados e inescrutáveis e longas horas de conversa divagante de manhã cedo, que reduziam a distância entre os universos diferentes em que agora vivíamos.

Em 2016, o câncer dela, que havia entrado em remissão, voltou com tudo.¹⁷ Não só retornou como havia entrado em metástase na lombar e estava no estágio 4. O estágio 5 não existe.

“Como lutar contra uma doença que não joga limpo?”, Twink perguntou a seu grupo de apoio a pacientes com câncer depois de receber a notícia. “Para que lutar se lutar é inútil; se lutar não vai te curar: se a derrota é inevitável e a única razão para lutar é só ‘não sucumbir sem lutar?’”

Sejamos nós sobreviventes de um câncer, pacientes ou indivíduos totalmente sadios, todos morreremos um pouquinho a cada dia, eles lhe disseram. Cada dia vivido é também mais um dia que jamais vai se repetir. Pois só o que queremos é que os dias que nos restam sejam despendidos de maneira significativa.

Twink levou a sério.

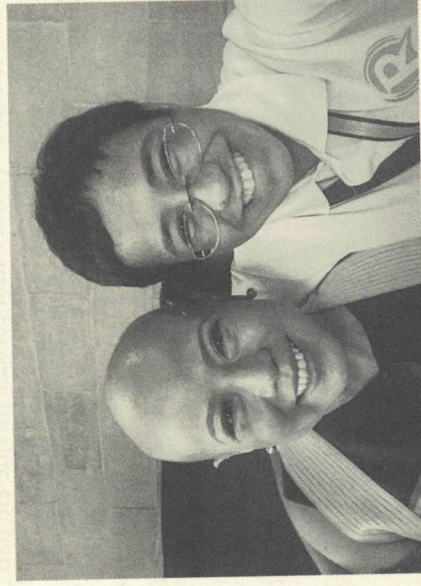
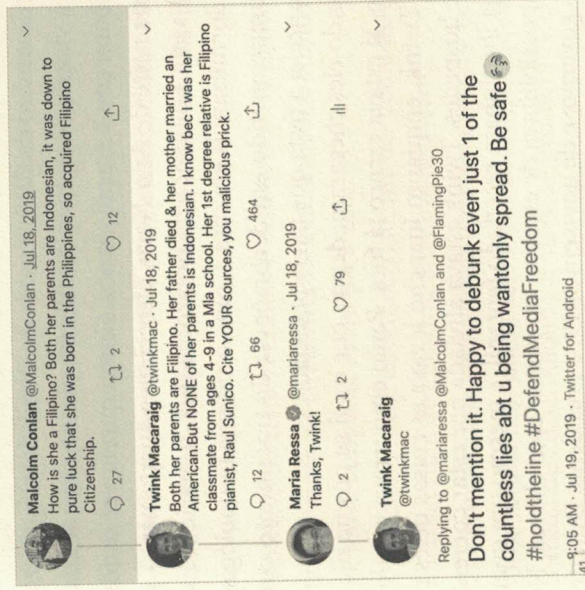
Enquanto eu sentia que lutava pela minha vida, repelindo um governo que abusava de seu poder, Twink não me deixava perder a perspectiva: minhas provações não eram nada se comparadas às dela.

E apesar do que estava passando, ela estava sempre pronta para ajudar. Quando os ataques virtuais e as mentiras se intensificaram, Twink me avisou. Quando me senti inundada por eles, ela passou a responder às ofensivas. Ela sempre queria saber o que estava acontecendo, como eu estava me sentindo, tentando me dar força, xingando os outros por mim quando eu não podia.

Ela me ajudou a rastrear uma mentira inventada por um ex-jornalista, que havia tuitado que meus pais eram indonésios. As postagens dele nas redes sociais eram difundidas pela máquina de propaganda de Duterte.

Twink reagiu com agressividade aos tuites. As postagens dela me encheram de energia. As minhas nunca tinham a mesma força. Apesar da crueldade do diagnóstico, sempre imaginei que ela fosse vencer o câncer, assim como havia vencido da primeira vez. Fiquei em negação até o fim.

As mudanças em seu físico, em 2019, deviam ter me servido de alerta: a perda total do cabelo, a firmeza do corpo; em um dos nossos últimos almoços, ela precisava usar bengala. Eu me ofereci para ir à casa dela, mas ela reagiu declarando que me encontraria no meu escritório. Àquela altura, já precisava usar uma máscara cirúrgica, por medo de pegar alguma doença, e pediu que eu a ajudasse a caminhar.



Apesar de tudo isso, eu achava que sua força de vontade acabaria prevalecendo sobre a doença. Suponho que essa seja uma crença fundamental que eu deveria reexaminar: a de que é possível reformular o mundo onde se vive usando a imaginação.

Em dezembro de 2019, a saúde de Twink degingolou, e Cheche e eu a visitamos no hospital. Ela fez pouco-caso de sua fragilidade e começou a traçar planos. Como queria ver os fogos de artifício na noite de Ano-Novo, ofereci meu apartamento, que tinha uma vista fantástica do horizonte. Ela, o marido, Paulo, e Juanchito dormiriam lá em casa. Como o sistema imunológico dela estava comprometido em decorrência do tratamento contra o câncer, cancelei a festa que havia planejado.

Quando eles chegaram, depois que o sol se pôs no dia 31 de dezembro, já estava escuro lá fora. Paulo empurrava a cadeira de rodas de Twink, enquanto Juanchito levava as coisas deles para o quarto de hóspedes. Twink estava aliviada por estar coerente. Os médicos já lhe tinham receitado fentanil, e mesmo um quarto da dose a impossibilitava de escrever ou pensar com clareza. No início de seu governo, e de novo em 2019, o presidente Duterte conseguiu tomar fentanil. Twink tinha certeza de que ele não conseguia ser coerente com as doses bem maiores que tomava.

Paulo levou Twink até a sala de estar e nos deixou a sós. Era evidente que ela queria conversar. Depois de uns quinze minutos de papo, Twink declarou que estava começando a ficar cansada. Vê-la tão frágil me partiu o coração.

“Maria, quando eu morrer, não quero velório”, ela disse.

“Ai, Twink, pare com isso. Você vai sair dessa”, retruquei. “O que eu posso fazer? Vamos planejar seus próximos passos.”

“Lembra quando eu falei que queria uma festa quando morresse?”, ela perguntou. “Eu não mudei de ideia.”

Em 1986, logo depois do meu retorno às Filipinas, volta e meia eu chegava na casa dela às duas da madrugada. Dormia lá, e quando acordávamos, falávamos sem parar, da vida e de amor. Nesses momentos, quando estávamos apenas começando nossa vida, falávamos de como queríamos morrer. Até certo ponto, tocamos no assunto porque Twink estava me explicando por que os filipinos passavam dias (e noites) diante do caixão aberto de quem amavam, um dos

costumes mais incômodos que eu estava descobrindo. Um velório, ou *lamay*, durava de três a sete dias, às vezes até mais.

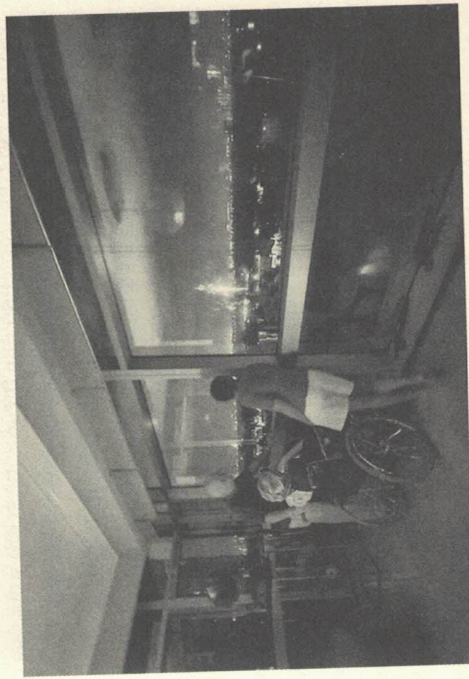
“Eu não quero as pessoas me olhando”, ela me dissera na época, “sem eu poder olhar para elas também. Então está decidido: nada de velório. Prefiro que todos os meus amigos façam uma festa para me celebrar.”

Fiquei, é claro, horrorizada, e debatemos o assunto ao longo dos anos. Quando se cobre mortes e destruições, como era o nosso caso, havia tempo de sobra para isso.

A medida que fui envelhecendo, me dei conta de que os velórios não serviam aos mortos. Serviam aos vivos.

“Me promete que você vai dar uma festa”, ela me pedia agora, segurando minha mão diante dos fogos de artifício que explodiam pela entrada de 2020. Não me lembro se prometi. Não precisava prometer, é claro, porque eu a obedeceria.

No comecinho do dia 14 de janeiro de 2020, antes que a pandemia obrigasse todo mundo a usar máscaras cirúrgicas, assim



Fogos de artifício do Ano-Novo, 31 de dezembro de 2019, com Paulo Alcazaren e Twink Macaraig. Foto de Patricia Evangelista.

como ela já usava, Twink faleceu. A ficha de que não estava mais entre nós só me caiu no dia do aniversário dela, 9 de maio, quando teria completado 56 anos.

Aquela altura, o lockdown global mantinha todos nós em casa, de quarentena, o que me possibilitou pegar nossas fotos antigas e uma coluna escrita por ela em 2019. Eu sabia o quanto ela havia se esforçado para escrevê-la porque tinha me mandado rascunhos antes de publicá-la. No texto, aceitava a própria mortalidade, mas, ao fazê-lo, lançava um chamado à luta, comparando o câncer à luta do nosso país pela democracia. Ela dizia:

Olho para este mundo em que estou lutando para permanecer e sinto apenas desespero. O déspota filipino eleito para a presidência contaminou o populacho com uma virulência incomparável à dos mais fatais dos cânceres. Ambos cortam suas liberdades.

Por causa da minha doença, meus movimentos ficaram severamente limitados. Nunca mais vou correr, fazer um Surya Namaskara, jogar tênis ou cobrir uma notícia. Meu sistema imunológico está tão comprometido que me aventurar em uma sala cheia de gente equivale a rolar os dados. Não posso ficar em pé ou sentada por muito tempo e a visão dupla dificulta a escrita.

Em suma, exercer o jornalismo, a profissão a que dediquei a maior parte da minha vida adulta, já é inviável.

No contexto mais geral, Duterte enfraqueceu nossas instituições povoando-as de minions que compartilham de seu desprezo pelos direitos humanos, pelo devido processo legal e pelo verdadeiro sentido das palavras. Essas instituições que fazem parte do sistema imunológico da nossa nação deviam ter garantido a proteção de nossas liberdades. No entanto, são partícipes da repressão aos dissidentes, demonizando a oposição e evitando o escrutínio de uma imprensa crítica. A Constituição, o último bastião da nossa democracia, e também um componente essencial do sistema imu-

nológico coletivo, está em processo de desmantelamento. Quando definhar, todas as salvaguardas, todas as liberdades que garante definirão junto.

Portanto, onde está a revolta? Onde está a resistência? Uma voz exausta na minha cabeça diz: não olhe para mim. Estou à beira da morte. Tenho que ser eximida.

Há tempos estou em paz quanto a meu falecimento [...]. Meu último testamento — escrito à mão, em meio a muitas lágrimas — está no cofre [...].

Eu poderia desistir. Sucumbir. Me entregar. Mas não vou fazer isso.

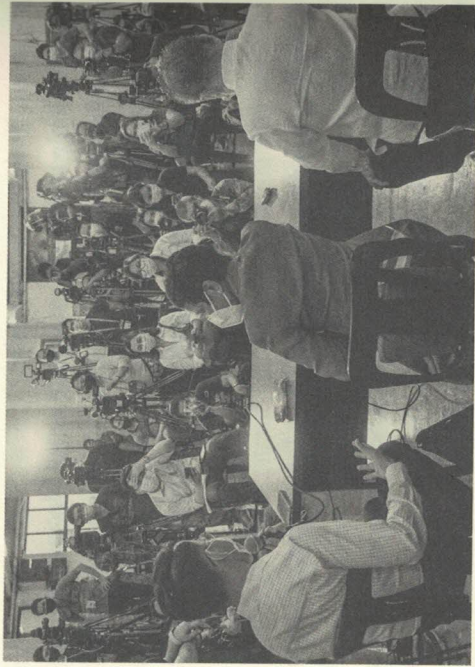
Não importa quantas vezes eu leia o texto, sempre choro.

Porque não lutar seria ignorar a opção bem real que ainda existe: o punhado de almas valentes, honradas, que arriscam a vida em nome da fé inabalável de que o povo filipino pode melhorar; pode escolher melhorar; merecer coisa melhor. Elas representam, se não a cura, o único caminho de uma cura que chega tarde demais para me beneficiar, talvez, mas que servirá à próxima geração.

Enquanto os parentes e os amigos, junto com os parentes e amigos deles, continuarem rezando o terço pela minha cura, ou me enviando chacras e feitiços; enquanto meu marido continuar a me comover com sua doçura e meu filho não esgotar suas piadas bobas, truques de mágica e histórias engraçadinhas sobre suas proezas diárias; enquanto meu próprio coração — aquela cavidade de que guarda minha consciência e convicção, meus amores e sonhos, minha memória e amor-próprio — permanecer intacto, eu vou lutar.¹⁸

Eu também vou, em homenagem a Twink.
Descanse em paz, minha amiga.

11. Defenda a linha O que não mata fortalece



Rey Santos Jr., Ted Te e eu respondemos a perguntas da imprensa após nossa condenação. 15 de junho de 2020. Foto de Rappler.

Um dos meus últimos jantares antes da pandemia foi em Londres, com Carole Cadwalladr, em fevereiro de 2020. Carole foi a repórter do *Observer* que, junto com jornalistas do *New York Times*, deu o furo da Cambridge Analytica. O empresário Arron Banks, o maior doador da campanha a favor do Brexit da Grã-Bretanha, tinha entrado com um processo de difamação contra ela um ano antes.¹ Carole reagiu virando o jogo e entrando com um processo contra ele.²

No decorrer da pandemia, Carole e eu trocamos ideias sobre os limites entre jornalismo e ativismo: como os ataques virtuais afetavam nosso trabalho, como lidávamos com os processos em

andamento contra nós. Ambas precisávamos lidar com definições antiquadas das duas ocupações por conta das investidas contra nós. Os desafios enfrentados por Carole eram imensos: ela não tinha uma empresa para ampará-la. A fim de pagar os honorários dos advogados, fez uso de uma bem-sucedida campanha de financiamento coletivo, mas ainda assim precisou hipotecar a própria casa. Nos piores momentos, entrávamos em contato para ver como a outra estava.³

Os ataques à sua apuração pioneira puseram Carole numa situação parecida com a minha. Carole a explicou da seguinte maneira: “Na Grã-Bretanha, onde eu investigava a erosão da democracia e o papel das plataformas de tecnologia nisso, além do uso de agitadores, me vi no meio de uma guerra cultural. Então é diferente: em vez de defender o estado de direito, a questão é a defesa da segurança nacional. E fui percebida como uma pessoa ferozmente contrária ao Brexit. Fui vista como uma chata, e isso fustigou o linguajar misógeno e os abusos [...]. Eu me tornei um alvo e sofri calúnias. Causou impacto por me impedir de fazer o trabalho que eu fazia antes porque agora sou considerada [...] uma militante, uma figura controversa, quando estava literalmente apenas tentando fazer meu trabalho”⁴.

As campanhas virtuais direcionadas também me pintavam como antigoverno ou pró-Aquino, dando à minha apuração um viés político que nem o Rappler nem eu jamais tivemos; o quadro político das Filipinas, bem como a mídia, não era tão ideológico quanto o de lugares como os Estados Unidos e o Reino Unido, mas os ataques contra mim passaram a afetar meu trabalho e inclusive minha possibilidade de entrevistar funcionários do governo. Depois de um dos meus papos com Carole, liguei para as *manangs* e começamos a discutir um cronograma para que eu fosse deixando o editorial pouco a pouco. Concordamos que eu continuaria gerenciando as áreas de tecnologia, dados e negócios, mas não atua-

ria mais como editora executiva. A partir de novembro de 2020, Glenda Gloria assumiu o cargo principal do editorial do Rappler.⁵ Eu estava entrando em uma nova fase da vida. Fui de pesquadora à pessoa que agia. Não tinha mais o que perder. Estava em lockdown, encarava processos que poderiam me botar na prisão pelo resto da vida, mas nesse mesmo ano o novo modelo de negócios do Rappler já estava funcionando. Isso me deu energia para tentar algo novo. Me dei conta de que o jornalismo não era o único elemento da solução. O jornalismo permitia que os fatos sobrevivessem. Mas são as comunidades que devem reagir. Preclávamos de um novo modelo global de engajamento cívico.

Durante alguns anos, a partir de 2016, eu ainda procurava os executivos do Facebook na esperança de que nossos dados e meus argumentos os incentivassem a mudar certos aspectos da plataforma. Em 2018, concluí que o Facebook não faria nada relevante. E em 2020 passei a considerar o Facebook um malfeitor. Naquele ano, Carole também pediu que eu participasse de sua invenção, que mais tarde chamáramos de Real Facebook Oversight Board.⁶

Mark Zuckerberg tinha acabado de anunciar a criação da “Suprema Corte” do Facebook, um conselho supervisor⁷ feito para levar a moderação de conteúdo a uma organização independente ao estilo de um tribunal. O conselho lidava com o assunto errado — o conteúdo, que nunca foi de fato um problema. O principal problema era o modelo de distribuição empregado pela empresa: um conselho supervisor de conteúdo jamais será capaz de acompanhar o ritmo da disseminação de informações na internet.

O Real Facebook Oversight Board criado por Carole era formado por especialistas que exigiam que o Facebook mudasse suas diretivas, que vinham destruindo nosso mundo. Uma delas era Shoshana Zuboff, a acadêmica que cunhou o termo “capitalismo de vigilância”. Os outros participantes eram: Roger McNamee, um dos primeiros investidores do Facebook no Vale do Silício; Rashad

Robinson, presidente da ONG pelos direitos civis Color of Change; Derrick Johnson, CEO da NAACP; e Jonathan Greenblatt, CEO da Anti-Defamation League, ONG americana contra o antissemitismo. Descobri que ativistas são essenciais nesse tipo de iniciativa: acadêmicos e jornalistas podem ficar rodando em círculos, mas ativistas planejam as medidas a ser tomadas.

O Real Facebook Oversight Board foi lançado pouco mais de um mês antes das eleições presidenciais americanas de 2020. Com tanta coisa em jogo, achávamos que era hora de darmos um jeito nas insistentes esquivas de Zuckerberg às críticas, bem como na nossa impotência coletiva diante do poder inimaginável do Facebook.

“Nosso grupo se uniu com um objetivo”, Shoshana disse. “Exigimos medidas abrangentes para garantir que o Facebook não sirva de arma para solapar os votos e consequentemente a democracia americana.”

Resolvemos que, em vez de demandas amplas, grandiosas, nos concentraríamos primeiro em medidas que poderiam ser implementadas depressa,⁸ principalmente devido ao tempo curto e o comportamento cada vez mais desviado de Trump. Nós as destilamos em três exigências feitas ao Facebook: que ele aplicasse as próprias diretrizes e removesse postagens que incitassem a violência; que banisse anúncios que procurassem deslegitimar os resultados das eleições; e que tomasse atitudes para evitar desinformações e incorreções quanto aos resultados das eleições. Era um sinal dos tempos que 24 horas depois o Facebook já tivesse posto todas elas em prática.

No entanto, eles jamais assumiram que foi esse o caso. Preferiram atacar nossos membros. Naqueles meses, boa parte do que o Rappler descobriu sobre o Facebook e as redes sociais através dos próprios dados e investigações, bem como muitas de nossas desconfianças, aos poucos era confirmada por repórteres, informantes e até pelas próprias empresas.

Dentre os primeiros estava Christopher Wylie, o delator da Cambridge Analytica, que conseguiu encontrar duas vezes — uma vez como jornalista, para entrevistá-lo, e outra quando participou com ele do *Studio B: Unscripted*, um programa singular da rede Al Jazeera, gravado em Londres.⁹ Queria que alguém averiguasse várias das descobertas do Rappler. Ele não só verificou nossos dados como me apresentou sua análise dos procedimentos e produtos que tinha ajudado a elaborar.

Chris aprendera sobre dados e direcionamento com a campanha de Obama, levara as informações à oposição canadense, aprendera sozinho a codificar, estudara direito na London School of Economics e fazia o doutorado em previsão de tendências de moda quando teve a ideia da “ferramenta de manipulação de guerra psicológica”,¹⁰ conforme a chamaria. Quando conversamos, ele também conseguiu explicar integralmente a relação entre a Cambridge Analytica e as Filipinas.

“Quando o escândalo da Cambridge Analytica veio à tona”, eu lhe disse em nosso primeiro encontro, “a maioria das contas de Facebook expostas era dos Estados Unidos, mas o segundo país com mais...”

“Eram as Filipinas”, ele respondeu no mesmo instante.¹¹

A empresa para a qual Chris trabalhava se chamava Strategic Communications Laboratory, ou SCL Group, controladora da Cambridge Analytica, que tinha um histórico relativamente longo de trabalhos na política filipina. Mais tarde, trabalhando para a Cambridge Analytica, funcionários da empresa visitariam as Filipinas. A mensagem principal de Chris e a lição que aprendeu com a Cambridge Analytica foram: “O colonialismo nunca morreu. Só passou a ser virtual”.

“A SCL e depois a Cambridge Analytica ganhavam dinheiro entrando em países com uma infraestrutura regulatória relativa-

mente subdesenvolvida ou um estado de direito questionável”, Chris explicou, “onde era mais fácil escapar ílesas e criar propagandas e apoiar políticos que mais tarde estariam dispostos a devolver os favores.”¹²

Chris havia concluído que, embora os poderes ocidentais tivessem oficialmente se retirado de um país, certo tipo de influência não saía junto. “Só se tornava algo mais discreto, e a SCL era especialista em fazer isso”, ele disse. “Funcionou nas Filipinas. Quando se olha para os países em desenvolvimento ou do Sul global, tem lugares que se destacam pelo índice altíssimo de penetração da internet e de uso de redes sociais. As Filipinas são um desses países em que tem muita gente on-line e muita gente usando redes sociais. Quando se tem esse tipo de ambiente, tem-se o alvo ideal.”

“Com alvo você quer dizer laboratório de experimentação?”, indaguei. Ex-gerentes de produtos digitais de empresas como Yahoo e fundadores de startups tinham me dito a mesma coisa: se quiser testar um produto digital do Ocidente, teste primeiro nas Filipinas.

“Sim!”, disse Chris. “Manipular a opinião dos eleitores ou disseminar propagandas é mais difícil em lugares como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha ou a Europa, onde existem medidas regulatórias robustas. O combate ao crime é sólido. Em países onde reina a corrupção, está criado um laboratório ideal, em que se pode experimentar táticas e técnicas que não seriam tão fáceis de se usar no Ocidente. E se não funcionar, não tem problema. Você não vai ser pego. Se funcionar, então você descobre como levar isso a outros países. A empresa trabalhou em diversos lugares do Sudeste Asiático e da África, além do Caribe, dando vazão a ideias na tentativa de desenvolver tecnologias antes de levá-las para o Ocidente.”

“Seria justo dizer que a tentativa e erro, o laboratório das Filipinas, preparou o terreno para o Brexit e o Donald Trump?”, perguntei.

Ele se calou. Então prosseguiu: “Bom, se você olhar para as Filipinas...”, e se calou de novo. Achei que estivesse calculando como desviar de possíveis minas terrestres jurídicas.

“Recentemente, a política filipina meio que se parece bastante com a dos Estados Unidos”, Chris continuou, revirando os olhos e gesticulando bastante. “Vocês têm um presidente que era um Trump antes de o Trump virar o Trump, e vocês têm uma relação com pessoas próximas dele no SCL e na Cambridge Analytica. E tem muitos dados sendo coletados — a segunda maior quantidade de dados, depois dos Estados Unidos, é coletada nas Filipinas. Além disso, olhe para a forma como a SCL e a Cambridge Analytica atuam em diversos países: uma das coisas de que elas falam é que usam... elas não entram no país como Cambridge Analytica. Não entram em um país como SCL Group porque seria escancarado demais. Então elas usam parceiras locais...”

“Representantes”, esclareci.

“Usam representantes”, ele prosseguiu. “Eles já confessaram isso diante das câmeras. Eles entram nos países, montam empresas de mentirinha, que não passam de fachadas, e mandam os funcionários. Isso torna bem difícil que agências reguladoras ou partidos de oposição realmente entendam o que está acontecendo. E também, como eles já admitiram, depois que a eleição acaba, eles vão embora. Então eles entram e saem. Põem o cara deles lá e depois podem voltar para pedir favores.”

“Está bem”, interrompi. “Alexander Nix [o presidente da Cambridge Analytica] foi às Filipinas no final de 2015, antes de as campanhas começarem, e houve uma foto dele...”¹³

“É, ele se encontrou com o pessoal de lá”, confirmou Chris. “... a equipe do Duterte”, terminei.

“Isso! O que é que você acha que ele foi fazer lá?”, Chris indagou.¹⁴

Cada nova revelação sobre as práticas do Facebook — do escândalo da Cambridge Analytica à série do *Wall Street Journal* que mostrava a documentação vazada pela delatora Frances Haugen — servia para validar tudo o que o Rappler vinha dizendo havia tempos e muito do que tínhamos sido os primeiros a noticiar acerca do Facebook. Tudo o que escrevi aqui, inclusive os dados granulares, nós compartilhamos com o Facebook em algum momento, na esperança pouco razoável de que a empresa tomasse alguma atitude.

E nos momentos em que de fato tomou atitudes, geralmente o Facebook tornou ainda piores o problema e a difusão de desinformações. Um exemplo foi a suspensão do API, a interface do programa aplicativo que possibilitava que terceiros coletassem dados. O objetivo dessa medida era evitar outro escândalo como o da Cambridge Analytica, mas também evitar que pesquisadores como nós compreendessem a plataforma. O Rappler foi um dos primeiros a se concentrar no astroturfing de comentários, que ludibriava o público, levando-o a acreditar que certas campanhas políticas tinham consenso e apoio populares. Mas os pesquisadores não tinham como fazer esse tipo de análise sem o API. Em vez de aumentar a transparência, como Mark alegava estar fazendo, a empresa garantia que ninguém além do Facebook tivesse dados para ver o quadro geral.¹⁵

E mesmo quando a pesquisa interna levava a empresa a descobertas perturbadoras, ela se recusava a agir. Uma apresentação interna de 2016 referente à Alemanha detalhava que “64% de todas as adesões a grupos extremistas se devem às nossas ferramentas de recomendação”, como algoritmos que norteavam o “Grupos que podem lhe interessar” e “Descobrir”. A conclusão do relatório era bastante clara: “Nossos sistemas de recomendação estimulam o problema.”¹⁶

O Facebook tem tido a capacidade espantosa de decidir o destino de agências de notícias — e até do próprio jornalismo. Hoje em dia, o Facebook tem uma classificação interna para as

notícias, supostamente determinada pelos algoritmos; contudo, não só um ser humano codificou esses algoritmos como o Facebook decide se o usuário vai receber mais ódio ou fatos. Depois da violência de 6 de janeiro de 2021, no Capitólio, o Facebook lançou seu modo de resposta aos piores dos casos (que chamou de medidas para “quebrar o vidro”).¹⁷ Um dos pontos era ressaltar os fatos. Isso significava que, na mistura algorítmica da distribuição, aumentaríamos o peso do que chamam de pontuação de “qualidade de ecossistema informativo”,¹⁸ um ranking interno secreto para editores de notícias baseado na qualidade do jornalismo. Sites de notícias como CNN, *New York Times* e NPR recebiam mais projeção, enquanto a de páginas hiperpartidárias, como o *Breitbart*, caía. Portanto, sabemos que o Facebook é capaz de agir.

Restaurar o que era um “feed de notícias mais agradável” é uma das exigências do Real Facebook Oversight Board e é algo de que as Filipinas precisariam com a iminência da eleição presidencial crucial de 9 de maio de 2022 e de que todos os países precisariam em suas eleições.

Sempre tive certeza da influência do Facebook sobre nossas democracias porque o Rappler tem os dados, e vivemos sob o pacto danoso que foi provocado. Ao longo do ano pandêmico de 2020, continuamos trabalhando, pesquisando e fazendo descobertas.

Atualmente, nossa base de dados Sharktank está à disposição de instituições acadêmicas e de pesquisadores que queiram entender como a operação de informação pode transformar uma democracia forte em um governo autoritário.¹⁹ Em agosto de 2021, a base de dados Sharktank já havia captado 382 633 021 postagens públicas e 444 788 994 comentários de 68 097 páginas públicas, 23 736 grupos públicos e 4 759 678 usuários do Facebook. Também já tinha captado 11 400 241 links únicos de 235 265 websites. Des-

de que o YouTube derrubou o Facebook do posto de principal plataforma de mídia social das Filipinas, em 2021, começamos a monitorar canais públicos e agora temos constatações sobre o conteúdo de 331 471 canais do YouTube.

O gráfico adiante é um exemplo de como mapear o nosso ecossistema informacional. Cada círculo é uma página do Facebook, e seu tamanho é baseado na centralidade do autovetor, ou sua força de distribuição. De 2016 a 2019, vimos como agências de notícias tradicionais foram empurradas do centro para a periferia.

Aquela altura, o Facebook já havia lançado nas Filipinas seu programa internacional de checagem de fatos. O Rappler e o *Vera Files*, um pequeno órgão de imprensa sem fins lucrativos, se tornaram os parceiros locais do Facebook na checagem de fatos.²⁰ Faz muito tempo que afirmo que a checagem de fatos é um jogo em que você acerta um e aparecem outras dezenas, mas fazer isso nos

■ Página do FB ■ Conta do FB ■ Externo



O mapa de rede acima é de outubro de 2018, logo antes das eleições de meio de mandato, que ocorreriam em maio de 2019. O centro é dominado por contas do governo, pró-Duterte e pró-Marcos — aquelas a que antes me referi como uma máquina de propaganda, que cospe meias-verdades e mentiras. Órgãos de imprensa foram empurrados para longe do centro — representados por alguns dos círculos à esquerda. Os dois agrupamentos à direita são, de modo geral, páginas de memes que crescem rapidamente no Facebook, prontas para serem empregadas em campanhas eleitorais (o que de fato ocorreu nas eleições de 2019).

possibilitou identificar as postagens que têm como objetivo confundir. O governo Duterte reclamou na mesma hora.²¹

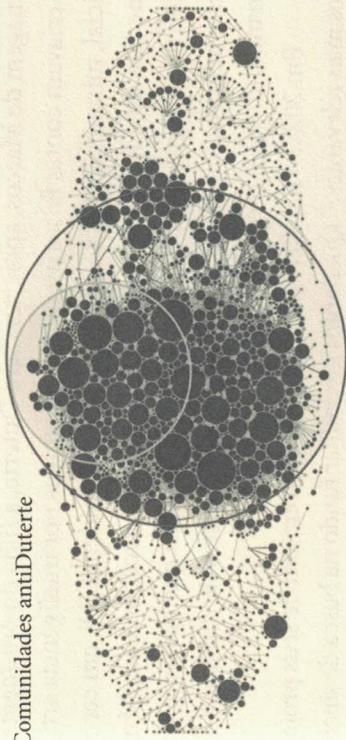
A primeira etapa do nosso processo de checagem de fatos era descobrir as mentiras. Como já mencionado, as melhores mentiras são meias-verdades que servem de alicerce a uma metanarrativa, como “Duterte é o melhor líder” ou “Jornalistas são criminosos”. A segunda etapa era usar o processamento de língua natural, fazendo com que os computadores analisassem grandes quantidades de texto a fim de extrair as mensagens consistentes dessas redes de desinformação. Isso nos levava à terceira etapa, de identificar os websites e outros recursos digitais associados a essas redes, inclusive os que lucravam com a empreitada.²²

Duterte havia consolidado seu poder e polarizado a sociedade geralmente lançando uma guerra assimétrica, com grupos pequenos como o nosso tentando defender os fatos contra as informações falsas que tinham mais probabilidades de se espalhar por meio das redes de desinformação pró-Duterte e pró-Marcos.

Uma das primeiras vezes em que quase houve um empate no nosso ecossistema de informação foi quando fui presa, em 13 de fevereiro de 2019. Vê-se no gráfico a seguir como a maioria dos filipinos compartilhou e difundiu órgãos da imprensa tradicionais, dando uma maior centralidade do autovetor às notícias. Também é visível que as redes de Duterte/Marcos têm uma ligação direta com as contas do governo e compartilham ativamente grupos do Facebook como o *VOV.PH*, que já passaram por checagens de fatos inúmeras vezes e cuja participação e fomento em operações de informação já ficaram demonstrados.

Essas operações de propaganda governamental geralmente são auxiliadas e incitadas por agentes estrangeiros. Em dezembro de 2018, o Rappler Research descobriu conexões entre redes de desinformação russas²³ e a página de Facebook Daily Sentry, das Filipinas, que se tornou a conta mais influente a desferir ataques contra o Rappler.

Comunidades antiDuterte



Comunidades pró-Duterte/Marcos

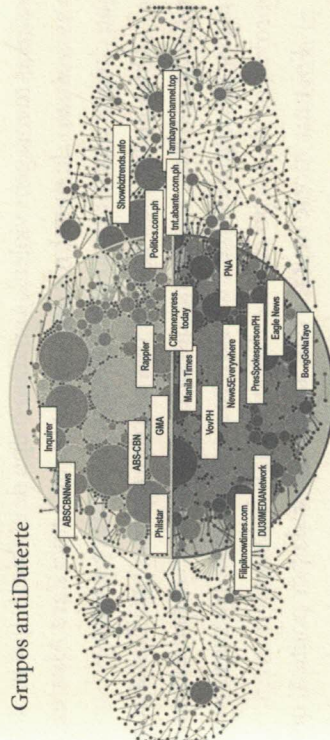
As comunidades pró-Duterte compartilham e disseminam ativamente o conteúdo umas das outras dentro de uma grande rede coordenada. Enquanto as comunidades antiDuterte começaram a se organizar on-line, elas ainda estão atrasadas em termos de quantidade absoluta.

Disponível em: <<https://public.flourish.studio/visualisation/229794/>>.

PRINCIPAIS FONTES DE CONTEÚDO

■ Linkers ■ Criadores de conteúdo (FB) ■ Criadores de conteúdo (Domínio)

Grupos antiDuterte



Grupos pró-Duterte/Marcos

As comunidades pró-Duterte on-line evitam compartilhar conteúdo das principais organizações de notícias e confiam principalmente em fontes alternativas de notícias (blog, organizações de nicho de notícias) e canais governamentais. Os principais criadores de conteúdo para a comunidade antiDuterte, entretanto, são as principais organizações noticiosas.

Disponível em: <<https://public.flourish.studio/visualisation/229612/>>.

O Facebook só derrubaria a página Daily Sentry em janeiro de 2019. Em setembro de 2020, a rede social derrubou páginas que me atacavam (operações de informações chinesas), burilavam a

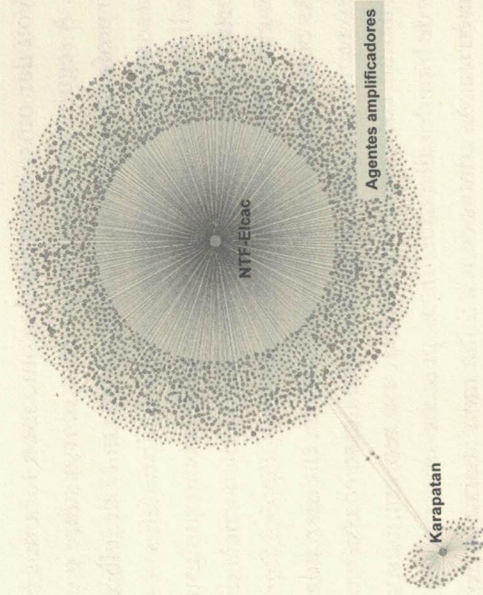
imagem de Marcos, apoiavam Sara Duterte, a filha do presidente, e criavam contas falsas usando fotos geradas por inteligência artificial, mirando a eleição presidencial estadunidense.²⁴ E, em certa medida devido às reportagens do Rappler, o Facebook também derrubou contas da polícia e das forças armadas que botavam na lista negra ou chamavam de “terroristas” ativistas de direitos humanos, jornalistas e políticos.²⁵

Em 2021, o Rappler Research embarcou em um de seus projetos mais relevantes.²⁶ Queríamos mergulhar fundo na busca de sinais de alerta de que a violência virtual iria se transformar em violência no mundo real. Nosso objeto de pesquisa foi o grupo de defesa dos direitos humanos chamado Karapatan, que teve quinze de seus membros assassinados durante o governo Duterte. Descobrimos que as contas virtuais das vítimas não eram visadas individualmente: apenas figuras notórias e os grupos em si eram alvos. Mas ainda assim as mensagens violentas criaram o tipo de ambiente que incitou o assassinato de membros do Karapatan, inclusive Zara Alvarez,²⁷ que chegou a pedir proteção à Justiça, mas nunca a obteve.

Uma noite, Zara andava na rua com uma amiga. Tinha acabado de comprar seu jantar quando um matador atirou em suas costas. Em seguida, para ter certeza de sua morte, o assassino se aproximou do corpo caído e disparou mais balas.

Foi uma morte brutal e descarada motivada por política, que deveria ter causado uma revolta e um horror generalizados. Mas de novo a máquina de propaganda entrou em ação. O governo filipino havia criado uma entidade bem financiada, encabeçada por militares, chamada Força-Tarefa Nacional pelo Fim do Conflito Armado Comunista (NTF-Elcac, na sigla em inglês), que foi logo deslançando uma cruzada anticomunista, macarthista.

O mapa a seguir compara a presença do Karapatan no Facebook com a da NTF-Elcac. Percebe-se que o alcance do grupo pelos direitos humanos é severamente restrito à sua própria câmara



Mapa das conversas de Facebook sobre ativistas assassinados.

de eco, pois lhe faltava um funil digital que o levasse a centros públicos. A NTF-Elcac, por outro lado, usou tanto uma rede de listas negras construída a partir de contas do Estado como suas redes de desinformação. O resultado é que as matérias sobre os ativistas visados e mortos tendiam a permanecer dentro da bolha dos grupos progressistas e dos poucos órgãos de imprensa que divulgavam essas histórias.

Trata-se de um testemunho da evolução do ecossistema informacional das Filipinas e do porquê de a NTF-Elcac exercer um papel tão proeminente desde que foi formada. Usando métodos testados e aprovados na guerra às drogas e em decorrência das três derrubadas do Facebook entre 2018 e 2019, o mapa mostra o enorme poder que a junção de forças entre a NTF-Elcac e as ações do governo pode ter para amplificar as desinformações e abusos. Essa é a segunda onda de uso de violência e medo pelo governo Duterte: a criação de um ambiente de promoção de mais violência no mundo real, uma outra versão do “nós contra eles”.

Vou dar outro exemplo de como monitoramos o cenário atual. A seguir, temos um mapa do discurso sobre o estado da nação proferido pelo presidente Duterte em 27 de julho de 2020. Ainda se vê um pequeno grupo que defende os fatos — marcado com a linha mais alta — sendo rotulado como um grupo anti-Duterte. Esse grupo inclui o Rappler e dois jornais de grande relevância: o *Philippine Daily Inquirer* e o *Philippine Star*.

As comunidades pró-Duterte aparecem marcadas na cor cinza: o tom mais claro se apoderou do nosso ecossistema informacional no Facebook, e o mais escuro representa suas novas táticas de hiperlocalização. Juntos, percebe-se que a guerra ainda é assimétrica. As contas com a linha mais abaixo se expandem, entrando em comunidades hiperlocais, com a nova estratégia basicamente semeada dentro delas feito cavalos de Troia. As contas

da NTF-Elcac, da comunicação presidencial e da estação de tevê estatal PTV prevalecem.

A situação foi agravada pela pandemia, um outro exemplo de como de boas intenções o inferno está cheio. A decisão do Facebook, de priorizar o Ministério da Saúde, significou uma diminuição ainda maior da possibilidade de os jornalistas responsabilizarem os poderosos, pois também permitia que o governo alimentasse suas páginas mais rápido — bem mais rápido do que os órgãos de imprensa. Entre as páginas do governo que tiveram um crescimento relevante estão as mantidas pela polícia e pelas forças armadas, envolvidas na hostilidade a ativistas e jornalistas. Ao priorizar fontes “oficiais”, o Facebook tornou as investidas contra jornalistas feitas por contas do governo mais eficazes e mais difíceis de se neutralizar.

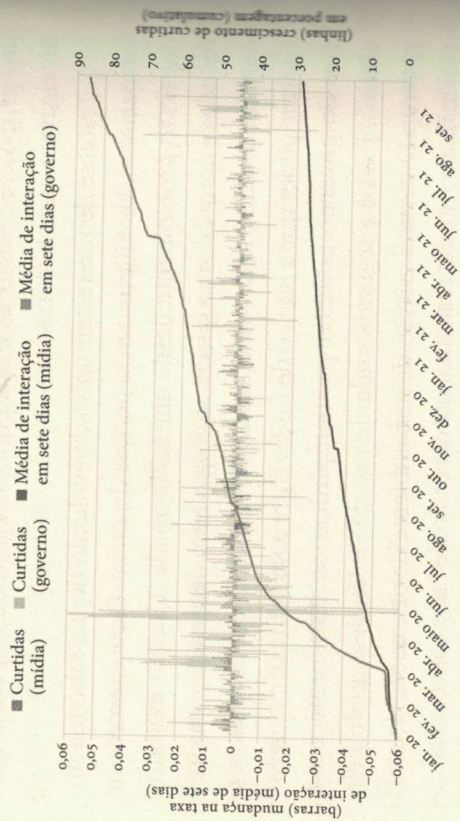
Então, o que podemos fazer? Quando me perguntam se os ativistas não deveriam criar contas falsas ou empregar as mesmas táticas, respondo sempre do mesmo jeito: não vire um monstro para lutar contra um monstro. Isso nos leva de volta à plataforma em si. A impunidade tem que acabar: as plataformas precisam ser responsabilizadas.

Quanto aos atores governamentais e políticos que exploram as plataformas, já tentei revidar de várias maneiras: ignorando (não dá certo — você perde sem nem se dar conta); reagindo (é um enorme desperdício de tempo devido ao excesso de fragmentação). Por fim, tomei uma decisão pela ideia que me norteou, que também foi a proposta do Rappler: construir comunidades de ação.

Em outras palavras, como criar uma abordagem global da sociedade que empregue tecnologia, dados e engajamento cívico para revidar? Foi o que nos propusemos a fazer para as eleições de maio de 2020.

NÚMERO DE CURTIDAS DE AGÊNCIAS DO GOVERNO E DE ORGANIZAÇÕES DA MÍDIA

O gráfico mostra o crescimento das páginas do Facebook de agências do governo selecionadas e de organizações de mídia nas Filipinas de 1º de janeiro de 2020 a 30 de setembro de 2021. As barras apresentam a média de interação diária (com uma média móvel de sete dias), enquanto as linhas mostram o aumento cumulativo de curtidas (expresso em porcentagem).



Primeiro porém o Rappler tinha de descobrir como sobreviver. Os reiterados ataques virtuais afetaram tanto o Rappler quanto nossa comunidade e tiveram um impacto financeiro sobre a nossa empresa. Os acessos à página, bem como a receita proveniente de anúncios, caíram após o começo dos ataques, em outubro de 2016.

Os ataques jurídicos, no entanto, foram a gota d'água. A ordem de janeiro de 2018, que revogava nossa licença para funcionar, tinha sido a sentença de morte do Rappler caso tivéssemos seguido um caminho natural. Alguns de nossos anunciantes principais receberam telefonemas de autoridades do governo (recado: fique longe), e o Rappler — outrora admirado e considerado arrojado — foi quase levado à bancarrota.

As dezenas de processos jurídicos e investigações que vieram em seguida fizeram com que em abril já tivéssemos perdido 49% dos anunciantes. Nosso futuro era evidente: caso seguissemos esse rumo sem fazer nada de diferente, não conseguiríamos pagar nossos funcionários.

Precisávamos criar um novo modelo de negócios, mais sustentável, para não morrer.

O governo parecia ter a certeza de que venceria a guerra do desgaste, e durante um tempo a situação se afigurava calamitosa. Nossos gastos com advogados chegavam a quase um terço do nosso custo operacional mensal. O dinheiro que eu havia separado para comprar uma nova plataforma digital acabou pagando uma parte desses gastos, atrasando em anos nossos planos tecnológicos.

Mas esse momento existencial trouxe à tona nossas melhores ideias e a melhor faceta de nossas personalidades. Eu brincava que todo o atrito do gerenciamento de uma redação tinha sido esquecido: era um por todos e todos por um. Dava para sentir a energia de todos os membros do Rappler, a equipe editorial sob ataques públicos era apoiada pelas equipes de artes gráficas, de

produção de vídeo, de tecnologia e dados, pela administração — os departamentos de recursos humanos, financeiro e, acima de tudo, o comercial.²⁸

Nossa equipe comercial, junto com nossos gerentes gerais, encontrou a solução no nosso jornalismo investigativo: os mínimos processos que tínhamos desenvolvido para monitorar as redes virtuais de desinformação se tornaram o alicerce do modelo de negócios baseado em dados e tecnologia que cresceu 12 000% entre 2018 e 2019, nos ajudando a ter nosso primeiro ano de lucratividade.

Até 2016, éramos financiados em grande medida pelos anunciantes. Depois que os ataques virtuais começaram e nosso lucro com os anúncios caiu, fizemos a empresa se voltar para outros serviços tecnológicos, o que nos preparou para o lockdown da pandemia.

Então nossa comunidade entrou em ação. Começamos uma campanha de financiamento coletivo que ajudou a pagar nossas contas jurídicas. No final de 2018, inauguramos o Rappler+, o primeiro programa de assinatura de um site de notícias das Filipinas. Os assinantes são nossos usuários mais fiéis, que têm um vínculo emocional com a nossa missão e nossos valores. Eles viviam nos perguntando: “Como podemos ajudar?”. E realmente nos ajudaram.

Três anos de crescimento — foi o que os ataques do governo nos custaram, mas não sei se é uma troca justa. O modelo de negócios dos jornais — dependente de anunciantes — morreu. Os ataques do governo em 2016 apenas nos obrigaram a enfrentar a situação de frente, a encontrar uma solução, a aprender a inovar e a construir algo pensando no futuro. Em 2019, o Rappler chegou ao seu ponto de equilíbrio,²⁹ marcando os quatro anos em que fizemos da crise uma oportunidade. Resolvemos dar a cada funcionário do Rappler o mesmo bônus quando chegássemos a esse ponto, do mensageiro ao CEO. Foi pequeno, porém grande o su-

ficiente para demonstrar nosso apreço pelos ideais, a criatividade e a coragem de nossa equipe.

Friedrich Nietzsche tinha razão: o que não mata, fortalece.

“Todos de pé”, alguém bradou, fazendo com que nos levantássemos.

Era 15 de junho de 2020 e estávamos no Tribunal Regional de Manila, Seção 46. Ficava dentro de um prédio decrepito, condenado, com telhas quebradas, pintura lascada e descascada e buracos nas paredes. Na maior parte do tempo, o elevador não funcionava, e por isso eu precisava subir quatro lances de escada com degraus quebrados, andaimes, placas de que a manutenção do edifício estava tentando mantê-lo firme.

Estávamos lá por causa do meu processo: uma acusação de ciberdifamação feita em 2019.³⁰ Ela se devia a uma matéria publicada pelo Rappler em maio de 2012, antes que a lei que supostamente havíamos infringido sequer fosse promulgada. Mostrava as ligações entre um empresário e o então presidente da Suprema Corte, que estava envolvido em um processo de impeachment que mais tarde o tiraria do cargo. A matéria era uma reportagem normal: quando até a acusação é uma acrobacia, explicar suas minúcias é se perder nos labirintos do absurdo. Quando acusações e processos legais são tão insensatos, incoerentes e corruptos, explicá-los é quase conferir legitimidade a algo que jamais deveria ter sequer acontecido.³¹

Eu sabia que as condições nos eram desfavoráveis. As oito acusações que o governo tinha feito contra mim na época — de ciberdifamação, de sonegação de impostos, de fraude de títulos mobiliários — tinham uma pena máxima cumulativa de quase cem anos.

A juíza de 37 anos Rainelda Estacio-Montesa entrou na sala. Ao contrário de todo mundo, não usava máscara, o que ressaltava seu batom vermelho e a maquiagem recém-feita no tribunal lúgu-

bre. O ambiente abafado, exíguo e sem janelas que ela regia fora transformado pela covid-19, por isso só algumas poucas pessoas puderam comparecer. Não permitiam observadores no tribunal; ninguém da comunidade diplomática poderia estar presente. Divisórias de plástico tomavam o espaço, fazendo com que parecesse menor — porém mais limpo.

Bem de frente para a juíza estava meu advogado, Ted Te, antigo porta-voz da Suprema Corte, ao lado de sua equivalente no Ministério da Justiça, a promotora pública Jeannette Dacpano (que tinha feito viagens financiadas pelo governo ao lado de nossa juíza).³² Atrás dela estava sentada uma equipe de advogados da promotoria pública, contratados para reforçar o caso do governo. Em todas as audiências desse processo, a promotoria sempre estava em maior número do que nós da defesa.

Havia dois banquinhos atrás dos advogados de acusação. Meu coacusado e ex-colega, Rey Santos, se sentou comigo no primeiro banco. Rey, de biótipo miúdo, quieto e amável, de óculos com armação de metal, tinha sido primeiro pesquisador do Rappler, muitas vezes colaborando conosco em matérias investigativas, depois se tornando repórter. A ironia era que agora ele trabalhava para o governo.³³

Em momentos como esse, preciso me ocupar, por isso tuteio o que acontecia. Encerradas as orações, ficamos sentados enquanto o oficial do tribunal fazia a chamada. Depois, ele nos mandou levantar para a leitura do veredito.

Eu me levantei, peguei meu caderno e comeci a fazer anotações.

“O direito de todos à liberdade de expressão é um direito garantido pela nossa Constituição”, o oficial disse. “É o direito de falar livremente, sem medo de retaliação ou represálias. O direito da imprensa de divulgar livremente notícias e opiniões sem restrições indevidas é igualmente garantido.”

Eu anotava tudo quase palavra a palavra. Comecei a sentir um quê de esperança.

“Esses direitos são imbuídos de vastos poderes de promoção do bem comum, de gerar mudanças e influenciar as mentes alheias na esperança de se construir uma sociedade em que todos possam ser livres. Mas, quando se abusa dela, essa liberdade pode semear a animosidade e provocar desunião e ressentimentos que podem levar à desordem e ao caos.”

Foi nesse instante que minha esperança começou a morrer.

Fechei meu caderno, deixei-o no banco e olhei para a frente. Fitava Estacio-Montesa, seu batom vermelho. Tentava olhar nos olhos dela enquanto o oficial continuava a leitura. Ela olhava para baixo.

“Não existe restrição do direito à liberdade de expressão e de imprensa [...]. O que a sociedade espera é uma imprensa livre e responsável. É por meio de atos responsáveis que a liberdade ganha sentido. O exercício da liberdade pode e deve ser usado com o devido respeito à liberdade alheia. Como disse Nelson Mandela, ‘ser livre não é apenas quebrar as próprias correntes, mas viver de uma maneira que respeite e aumente a liberdade dos outros.’”

Mandela devia estar se revirando no túmulo. Eu estava sendo condenada por uma matéria que não havia escrito, editado ou supervisionado, por um crime que nem sequer existia quando a matéria tinha sido publicada. E, para fazer isso, Estacio-Montesa não só mudou o tempo de prescrição da difamação de um para doze anos como também aceitou a tese inédita de “republicação”. Eu podia ser presa porque alguém no Rappler tinha, em 2014, arrumado um erro de ortografia, trocando uma letra de uma palavra. O tribunal nos considerou “culpados sem dúvida razoável” e sentenciou cada um de nós a até seis anos de cadeia (que hoje talvez sejam oito, dependendo da interpretação da lei).

Estacio-Montesa fez questão de declarar que o governo não tivera nenhuma influência sobre sua decisão. Eu balancei a cabeça.

Ela permitiu que ficássemos em liberdade sob fiança até o nosso recurso ser julgado — e era óbvio que entraríamos com o recurso.

Soltei um longo suspiro. Tinha feito a mala e a colocado no carro naquela manhã. A pior hipótese que me ocorria era de ser jogada na cadeia na mesma hora. Então, de certo modo, a realidade era um pouquinho melhor.

Em seguida, ela se dirigiu diretamente a mim, disse que eu teria de pedir ao Tribunal de Recursos autorização para viajar. Depois perguntou se eu tinha algo a dizer.

Eu a fitei. Sorri.

Estacio-Montesa bateu o martelo, e um furor de agitação se sucedeu. Ninguém olhava nos meus olhos. Fomos até a Prefeitura de Manila para falar com a imprensa. Estava com um gosto esquisito na boca e um embrulho no estômago. Não sei como mantive o controle.

Graças à covid-19, essa era a primeira vez em três meses que saíamos de casa. Enquanto os jornalistas arrumavam os microfones e as câmeras para as entradas ao vivo, eu tranquilizava Rey, cujos olhos pareciam assombrados acima da máscara. “Não se preocupe”, eu lhe disse. “A gente vai entrar com o recurso. A gente vai cuidar de você e da sua conta com os advogados.” Eu o protegeria. Ted estava à minha direita, conversando com alguns dos jornalistas. Os microfones estavam montados à minha frente.

Comecei a falar. Minha voz ecoava no salão, e, enquanto procurava rostos conhecidos, me sentia como se estivesse flutuando. Não sabia com quem estava falando, por isso me concentrei no nó na boca do estômago.

“Rogo a vocês — os jornalistas que estão aqui, os filipinos que estão nos ouvindo — que protejam seus direitos”, eu lhes disse. “A ideia é de que a gente sirva de exemplo. A ideia é de que nossa situação deixe vocês com medo, não é isso?” Minha voz ficou um pouquinho embargada. “Não tenham medo. Porque, se vocês não fizerem valer seus direitos, vocês vão perdê-los.”

Às minhas costas, um dos membros do Sindicato Nacional de Jornalistas das Filipinas exibiu um cartaz no qual era possível ler: "TIREM AS MÃOS DA IMPRENSA".

"A liberdade de imprensa é a base de todos os direitos que vocês têm como cidadãos filipinos", prossegui. "Se não pudermos apontar a responsabilidade dos poderosos, não poderemos fazer nada. Se não pudermos fazer nosso trabalho, nossos direitos estarão perdidos."

Antes do início do lockdown, em março de 2020, eu tinha avisado que não devíamos deixar que o vírus contaminasse nossas democracias,³⁴ mas foi justamente isso o que se deu. O poder solidou ainda mais seu poder. Em 5 de maio, o governo fechou a ABS-CBN.³⁵ Mas, até certo ponto, isso aconteceu porque estávamos em quarentena. Duterte não precisou decretar a lei marcial como Marcos havia decretado na década de 1970. A pandemia evitou que houvesse essa necessidade.

Eu tinha perdido meu direito de viajar em agosto de 2020. Apesar de ter voltado para casa mais de trinta vezes após viagens internacionais, o Tribunal de Recursos que lidava com o processo de ciberdifamação decidiu quatro vezes em favor do gabinete do procurador-geral Jose Calida, que disse haver risco de fuga, me comparando injustamente (e absurdamente) a Imelda Marcos ao proferir sua decisão.³⁶

Um dos pedidos que o Tribunal de Recursos negou data de quando minha mãe foi diagnosticada com câncer e precisou ser operada. Meus pais tinham envelhecido, e estarem isolados dos filhos e netos não lhes fazia bem. Eu queria estar presente para ajudar na logística e também para amenizar o impacto psicológico da pandemia. Além do mais, era Natal.

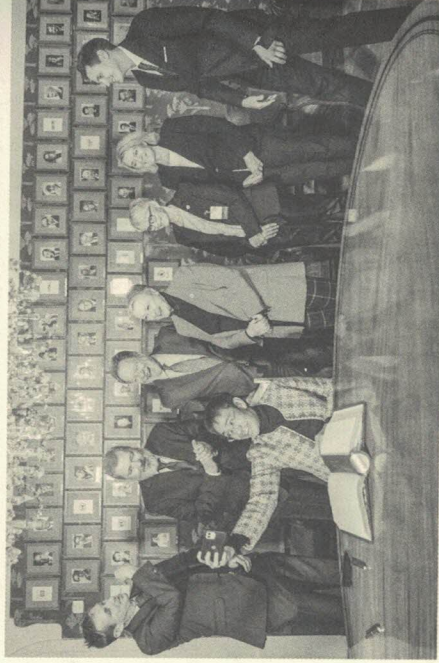
Foi uma reviravolta muitíssimo cruel: eu tinha recebido autorização para viajar de tribunais que lidavam com oito das agora

nove acusações contra mim, e o Tribunal de Recursos divulgou sua recusa pouco antes das cinco da tarde, na sexta-feira. Meu voo estava marcado para a manhã de sábado. Meus pais tinham parado meu quarto e estavam animados com a minha chegada. O governo os tinha arrastado para a montanha-russa emocional que seu assédio desencadeia. Eu aguento muito bem, mas me obrigar a levar meus pais, idosos e adoentados, para dentro dessa situação era desumano.

Engoli a dor, tranquilizei minha família e lidei como sabia lidar melhor: trabalhando.

12. Por que o fascismo está vencendo

Colaboração. Colaboração. Colaboração.



Cerimônia do prêmio Nobel da Paz, 10 de dezembro de 2021.

Na semana de 8 de outubro de 2021, o Rappler cobria o preenchimento de certificados de candidatura para as eleições de maio de 2022, pleito crucial no qual os filipinos votariam para preencher mais de 18 mil cargos oficiais, incluindo o de presidente.

Duterte, ao contrário de muitos outros autocratas, agora parecia disposto a abrir mão do poder. Presidentes filipinos podem cumprir apenas um mandato de seis anos, mas ele passou um tempo ameaçando se candidatar ao cargo de vice-presidente. Naquela semana de outubro, anunciou sua aposentadoria. A maioria dos filipinos suspeitava de que estivesse preparando um sucessor. Havia boatos de que a filha, Sara Duterte, concorreria à presidência: ela anunciou

sua candidatura à vice-presidência para dar espaço a outro nome: Ferdinand Marcos Jr., ou “Bongbong”, o filho de um ex-ditador.

Quase 35 anos depois de sua família ser deposta em uma revolução popular, de seu pai ter encarcerado e assassinado milhares de pessoas e saqueado 10 bilhões do Tesouro nacional, um Marcos estava de volta. A líder da oposição, Leni Robredo, que havia muito tempo já era alvo de operações de desinformação diárias da parte do governo Duterte, também entregou sua ficha de candidatura à presidência, e seu apoio crescente parecia surpreender até ela mesma.

Menos de meia hora antes de a Comissão Eleitoral ser fechada, eu estava com dois outros chefes de órgãos da imprensa independente da Indonésia e da Malásia em um webinar intitulado “Press in Distress: Will Independent Journalism Survive in Southeast Asia?” [Imprensa em apuros: o jornalismo independente vai sobreviver no Sudeste Asiático?].

Devido à pandemia, Manila passava por outro lockdown, a única medida de mitigação imposta pelo governo Duterte nos quase dezoito meses de covid-19. O governo tentava correr atrás do prejuízo em relação às vacinas porque estava meio ano atrasado¹ na compra de uma quantidade viável, e, ao obtê-las, priorizou a Sinovac, feita na China, que tinha a menor eficácia entre as vacinas disponíveis. O rastreamento de contatos ainda era em grande medida um sonho, e agora o Senado investigava acusações de corrupção em alguns dos acordos pandêmicos mais vultosos, que pareciam ligar Duterte às empresas duvidosas de seu assessor econômico e amigo, o chinês Michael Yang.²

Àquela altura, dois dos meus processos tinham sido indeferidos. As constantes batalhas jurídicas cobravam seu preço, mas eu estava decidida a não deixar que me impedissem de sair pelo mundo disparando o alarme. Apenas três dias antes, apesar do que parecia ser uma proibição de fato às minhas viagens, tive de entrar na Justiça com outro pedido de autorização, dessa vez para aceitar

uma bolsa de um mês na Kennedy School de Harvard. Eu queria um confronto às claras.

Então meu celular começou a piscar. Olhei para o número. Era da Noruega.³

“Alô, estou falando com Maria Ressa?”

“Está, sim”, respondi.

“Meu nome é Olav Njølstad. Estou ligando do Instituto Nobel da Noruega, em Oslo. Estou ligando em nome do Comitê do Nobel, e é um grande prazer para mim, Maria, informá-la...”

Meus olhos se arregalaram. Me recostei. Não era possível.

“... que às onze horas no fuso de Oslo anunciaremos que a senhora foi agraciada com o prêmio Nobel da Paz de 2021...”

“Meu Deus do céu!”, sussurrei. Peguei uma caneta, mas não sabia o que escrever.

“... por sua corajosa luta pela liberdade de expressão nas Filipinas, e a senhora dividirá o prêmio com outro candidato — cujo nome não posso dizer agora porque primeiro preciso avisar a essa pessoa...”

“Meu Deus do céu!”

“No momento vou apenas parabenizá-la em nome do Comitê, e mais tarde entraremos em contato com mais informações. Mas eu ficaria muito satisfeito em ouvir qual é a sua reação imediata, espontânea, à notícia.”

“Eu... Eu... Eu não sei o que dizer. Na verdade, estou ao vivo em outro evento, mas meu Deus do céu! Meu Deus do céu! Não sei o que falar. Muito, muito obrigada.” Eu estava perplexa.

Meu coração estava acelerado. Na mesma hora, mandei uma mensagem para as *manangs*: “Eu ganhei!” e respirei fundo, imóvel, sentindo meu coração bater cada vez mais rápido. Sabíamos que eu tinha sido indicada, mas ser de fato escolhida extrapolava nossa imaginação coletiva. Elas responderam rápido, as geralmente eloquentes *manangs* reduzidas a “MDDC!” e “Meu Deeeeus!”.

Quando a notícia veio a público, vinte minutos depois, todos os aparelhos que estavam em cima da minha mesa — dois celulares, dois computadores — começaram a tocar. Corri para tirar o som de todos e ouvi o mediador pedindo que eu reagisse à novidade. Liguei meu áudio e comecei a falar.

“Isso é para todos nós”, comecei. Depois me caiu a ficha. “Meu Deus, sabia que estou em choque? Entende o que estou falando...” Minha voz falhou, e em vez de disfarçar eu parei e recuei. “Desculpe. Acho que é um reconhecimento do quanto é difícil ser jornalista e do quanto é difícil continuarmos fazendo o que fazemos... é um reconhecimento das dificuldades, mas também, espero, de que vamos vencer a batalha pela verdade, a batalha pelos fatos. Nós defendemos a linha.”⁴

A vitória não era só minha: era uma vitória e um desagravo para os rappers — um momento particular em que choramos, rimos e celebramos juntos. No entanto, sou desconfiada com essas catarses emocionais, e lembrei à equipe que o prêmio poderia significar uma piora na nossa situação. Detestava ser uma desmancha-prazeres naquele momento de alegria, mas não queria que ficássemos enfatoados. Uma das *manangs* me fez um sinal: deixe que eles comemorem.

O reconhecimento ia muito além do Rappler. Fui a única mulher daquele ano e a primeira filipina a ganhar um Nobel da Paz, e meu prêmio jogou luz não só sobre o meu país, mas sobre o Sul global.

Foi uma vitória também para jornalistas filipinos em busca de esperança e de incentivo para seguir em frente apesar das dificuldades. Ryan Macasero, o chefe do nosso escritório em Cebu, nos lembrou⁵ de Frenchie Mae Cumpio, de 23 anos, que estava na prisão havia mais de um ano,⁶ e do jornalista Rex Cornelio, cuja esposa, Coleen, estava na garupa da moto do marido quando ele foi assassinado a tiros, em maio de 2020.⁷

“Enquanto houver pessoas boas, haverá esperança”, Coleen dissera. “Os que estão no poder não ficarão no poder para sempre. E o mal que eles vierem a cometer se voltará contra eles.”

A busca pela justiça é o que nos leva a nos tornarmos jornalistas. Essa fé na bondade é essencial à minha visão de mundo. Ao dar tamanho reconhecimento a mim e a Dmitry Muratov, da *Novaya Gazeta*, o Comitê do Nobel disse a todos os jornalistas do mundo que vê suas dores, sacrifícios e sofrimentos. Foi um reconhecimento de que a devastação que sentimos pessoalmente, causada pela bomba atômica invisível que explodiu em nosso ecossistema de informação, também foi vista e sentida por outras pessoas.

Estamos do seu lado, disse o Comitê do Nobel, e juntos podemos fazer alguma coisa.

Pouco depois do anúncio do Nobel e da proibição de fato às minhas viagens, os tribunais filipinos me deram autorização para ir a Boston e ficar um mês em Harvard. Foi uma glória ser Hauser Leader no Center for Public Leadership da Harvard Kennedy School⁸ e bolsista de seu Shorenstein Center on Media, Politics and Public Policy.⁹ Pude me concentrar no que me obcecava cada vez mais: a maneira como a tecnologia e o jornalismo moldam a política e as políticas públicas, bem como o significado disso para a liderança pública. Quando os comportamentos errados são sempre recompensados, como os líderes do futuro decidem quais são seus princípios? Como fica a liderança em um mundo virado de ponta-cabeça?

Embora sentisse a pressão constante do Rappler e dos processos jurídicos, vivendo como uma mistura de Sísifo com Cassandra, o Nobel me obrigou a repensar e a reformular o que eu queria dizer a um mundo que me dava ouvidos. Revisitei ideias dentro desse novo contexto, mergulhando nas conversas e análises

revigorantes de Harvard. Um dos pontos altos foi o tempo que passei com Shoshana Zuboff, cuja obra teve enorme influência sobre mim. Fazia mais de um ano que trabalhávamos juntas virtualmente no Real Facebook Oversight Board, entre outros lugares, mas agora ela podia me convidar para ir à casa dela, com vista para um lago pitoresco do Maine. Fazíamos caminhadas juntas enquanto ela me explicava meticolosamente sua visão de mundo, que abarcava vários pioneirismos, tal como ser a primeira professora titular numa Harvard Business School dominada por homens. Como professora emérita, ela estudava e lecionava os padrões e as tendências que moldaram — e destruíram — a perspectiva de uma internet inclusiva.

Para Shoshana, todos os outros problemas são abstrações e subprodutos do pecado original da “extração primária” — até essas expressões foram inventadas por ela. Ela usa o termo para definir como as empresas de mídia social se apropriaram de nossos atos e das nossas vidas particulares — usando o aprendizado de máquina e a inteligência artificial para coletar e organizar nossos dados pessoais e construir modelos para cada um de nós — e em seguida declararam publicamente que agora eram donas desses ativos empresariais, depois usados para criar os algoritmos que nos manipulam insidiosamente em troca de lucro. Elas não oferecem recomendações e não precisam nos pedir autorização. A extração primária é uma prática que Shoshana compara à escravidão. Reprovável do ponto de vista moral, ela exige que essa conduta também seja proibida por lei. Se esse pecado original for corrigido, todos os problemas que ele gerou, a cascata de falhas que possibilitou, seriam enfrentados. Isso abarca segurança,¹⁰ competição e privacidade.

Ela me lembrou da teoria do primeiro seguidor e de como os que seguem muitas vezes assumem os riscos do líder. Embora muitos de nós soássemos o alarme já em 2016, foi necessário que Shoshana entrasse em cena para ligar a tecnologia aos negócios e

dar um nome a isso — capitalismo de vigilância —, trazendo assim o poder e o dinheiro e nos levando a um ponto eletrizante. Ela sentia que agora estávamos na terceira etapa e me lembrou até onde o debate público já tinha chegado, sobretudo depois dos documentos internos assombrosos divulgados pela delatora do Facebook Frances Haugen. Porém isso não bastava para nós que estávamos na linha de frente. Cada dia de inação é um dia de injustiça para mim e para outras pessoas como eu.

Minha temporada com Shoshana foi de trocas e de embates de ideias constantes, revigorantes. Discutimos o quadro geral versus a experiência atomizada, o momento atual versus a próxima década. Passamos nosso último dia juntas no solário dela, diante de uma fogueira, concentradas na minha questão a respeito do que o mundo deveria estar fazendo. Eu procurava passos rápidos, fáceis, que poderíamos pressionar plataformas como Facebook e YouTube a adotar. Ela pegava todas as sugestões e mostrava por que aquilo que eu recomendava era insuficiente e por que a única coisa que poderia provocar uma mudança genuína seria o ataque direto ao modelo de negócios. A obstinação dela é tão grande quanto a minha teimosia.

“O jornalismo como instituição precisa ser reinventado para o século XXI”, Shoshana me disse. “Como fazer jornalismo no mundo digital? Não é pelo capitalismo de vigilância — pois você não está competindo com os capitalistas de vigilância pelo mesmo dividendo da vigilância. Que é o que eles estão fazendo no momento. É só assim que eles sabem agir.”

“E nós alimentamos esse comportamento usando os botões de compartilhamento deles, dando a eles nosso recurso mais valioso — nossas relações”, respondi, pensando em voz alta. “Isso também rebaixa a qualidade do nosso jornalismo.” Fazia tempos que eu dizia que reduzir o jornalismo ao número de acessos a páginas transformava nosso trabalho em mercadoria, e, como o

nosso jornalismo era distribuído nas redes sociais, que recompensava os incentivos opostos, o público que alcançávamos era limitado porque jamais conseguiríamos competir com base em escândalos. Iríamos contra nossas normas e manuais de ética.

“O jornalismo é coagido à auto-otimização para estar nas redes sociais”, Shoshana completou meu pensamento. As mídias sociais estavam moldando o jornalismo, assim como tinha acontecido quando o Facebook dissera a anunciantes e editores que vídeos teriam uma melhor distribuição,¹¹ fazendo com que órgãos de imprensa do mundo inteiro demitissem equipes editoriais e contratassem equipes de vídeo e publicitários pusessem seus anúncios em vídeos de Facebook. Mas o Facebook havia mentido: ele inflacionava em até 900% o número de visualizações dos vídeos,¹² e, segundo a documentação interna, havia mentido sobre o erro, guardando segredo por mais de um ano.

“No final das contas, é o capitalismo de vigilância que está decidindo qual jornalismo sobrevive”, Shoshana martelava.

As plataformas tecnológicas não estão satisfeitas apenas com a destruição da democracia; se não forem contidas, são capazes de destruir muito mais.

Enquanto eu literalmente lutava pela minha liberdade e segurança, as operações de informação seguiam em frente, reescrevendo o passado do meu país. A olhos vistos, a História morria através de milhares de pequenos cortes: a sementeira de metanarrativas e de mentiras deslavadas jamais teria um papel mais perturbador ou proeminente quanto na ascensão do filho de um ditador.

No dia 8 de fevereiro de 2022, uma terça-feira, 36 anos depois de a família Marcos ser forçada ao exílio em decorrência do movimento Poder do Povo, Ferdinand Marcos Jr., o líder nas pesquisas para as eleições presidenciais, lançou sua campanha¹³ usando

palavras, slogans e canções do governo repressor do pai. Em um palco colossal, diante de enormes telas de LED, o hino de Marcos em favor da lei marcial, da década de 1970, Bagong Lipunan (Nova Nação),¹⁴ recebeu uma nova batida¹⁵ e foi apresentado a uma nova geração: “Há um novo nascimento; há uma nova vida; um novo país; um novo caminho em uma Nova Sociedade”.¹⁶ O pai chamava isso de um “autoritarismo constitucional” necessário para fazer reformas e criar uma “nova sociedade”. Até hoje, ele continua no *Guinness* pelo recorde mundial de “maior roubo por parte de um governo”, pois saqueou cerca de 10 bilhões¹⁷ por meio de uma cleptocracia complexa, cujo maior símbolo é a coleção de sapatos de Imelda. A partir do final de 2020, só 3,4 bilhões tinham sido recuperados. No quesito dos direitos humanos, foram 70 mil detidos, 34 mil torturados e 3240 mortos.

Do único filho homem de Ferdinand e Imelda Marcos, duas imagens ficaram gravadas na minha memória, datadas de pouco antes de embarcarmos para o exílio: o jovem Marcos Jr., apelidado Bongbong, na sacada do palácio, uma arma enfiada no uniforme de campanha; e um Marcos Jr. festejando no iate presidencial com a bandeira filipina pintada na bochecha. Agora, ali estava o homem de 64 anos, literalmente vestido com as roupas do pai, uma calça e uma camiseta estilo anos 1960, arrematado com o mesmo corte de cabelo. O evento de quase três horas corrompia a história passada e presente. Marcos pouco disse de substancial, mas usou clichês agradáveis pedindo “união”, palavra que repetiu 21 vezes em vinte minutos, incluindo frases que eu já tinha ouvido sua mãe dizer. O momento atual do passado é horrendo porque demonstra exatamente como nossa tecnologia de informação pode ajudar qualquer populista digital a ascender, principalmente um que tenha vínculos com um passado repressivo.

Então, quais são as qualificações de Bongbong? Até o pai dele reclamou em seu diário do jeito perdulário e indisciplinado do

filho.¹⁸ Porém o pai permitiu que aos 22 anos Bongbong fosse eleito governador da província natal da família, Ilocos Norte, a cerca de 440 quilômetros de Manila. Brincando, a irmã mais velha, Imee, se queixou do irmão desempregado,¹⁹ e, além de ocupar cargos políticos, ele parece ter passado catorze anos sem trabalho nenhum.²⁰ A primeira vez que ganhou um assento no Congresso foi em 1992, antes de virar governador. Em 1995, ele se candidatou a seu primeiro cargo nacional, perdendo a disputa, mas em 2010 tornou-se senador.

Em 2016, Bongbong concorreu à vice-presidência, perdendo por apenas 200 mil votos, mas com isso criou o terreno ideal para vencer a presidência. A mãe, Imelda, não faz rodeios: diz que Bongbong está “destinado”²¹ a virar presidente, sua ascensão ao poder foi meticulosamente arquitetada na base, por meio de alianças movidas pelo clientelismo, que nunca se dissiparam, e com um último empurrãozinho das redes sociais.

Até hoje, Marcos nega qualquer conexão com os “trolls”,²² apesar dos dados expostos pelo Rappler em uma série, dividida em três partes, sobre as propagandas de Marcos, em 2019. Sem muita sutileza, as mensagens em suas contas de redes sociais começaram mudando o passado. Para começar, Marcos mentia reiteradamente sobre sua formação na Universidade de Oxford e em Wharton. Depois de ser pego na mentira por uma matéria exclusiva do Rappler,²³ seu gabinete alterou na surdina o currículo registrado no site do Senado, mas dobrando a aposta na mentira,²⁴ que, como muitos já sabiam, inclusive Donald Trump e Mark Zuckerberg, era amplamente facilitada pelas redes sociais.

Sua rede de desinformação também sequestrou páginas populares e de órgãos de imprensa com comentários do tipo “copia e cola”, que aos poucos contestavam o legado da família Aquino, há muito vista como nêmesis da família Marcos — ao mesmo tempo que reabilitava a imagem e o papel dos Marcos. A rede, que

interconectava sites a páginas e grupos do Facebook, canais de YouTube e influenciadores de mídias sociais, produzia enormes quantidades de propagandas, em escala colossal, para mentir parcialmente ou menosprezar os excessos, a cleptocracia e as violações aos direitos humanos do regime de Marcos, exagerar suas conq- uistas e vilipendiar críticos, rivais e a grande imprensa.

A criação das páginas sobre Marcos no Facebook começou a aumentar em 2014, pouco depois de Imelda Marcos insinuar uma volta da família à presidência.²⁵ Em uma postagem de 2014 de uma página popular de Facebook, a estação Pinoy Rap Radio, Marcos Jr. alegava não haver provas do roubo dos Marcos e dizia que sua mãe tinha “vencido todos os processos de corrupção” que havia contra ela. Essas duas declarações são mentirosas.

No entanto, essa postagem de Facebook foi compartilhada 331 mil vezes, teve mais de 38 mil comentários e mais de 369 mil reações antes de ser descoberta e checada pelo Rappler, em 15 de novembro de 2018. Havia sido difundida, sem averiguação nenhuma, durante quatro anos, no que se tornou uma câmara de eco que agora acredita na mentira. A checagem de fatos tem uma distribuição digna de pena: 3500 compartilhamentos e 2100 comentários.

É por isso que essas redes de propaganda são tão eficazes na reescrita da História: o índice de difusão da mentira é bem maior do que o da checagem de fatos que se segue, e quando a mentira é desmascarada, aqueles que já acreditam nela geralmente se recusam a mudar de opinião. O impacto das redes sociais sobre o comportamento das pessoas é igual em outras partes do mundo.²⁶

As redes de Marcos andavam de mãos dadas com as redes de desinformação e propaganda de Duterte, usando temas em comum para seus objetivos em comum. Em 2018, o centro do ecossistema de informação do Facebook nas Filipinas era dominado pelas redes Marcos-Duterte, empurrando os órgãos de imprensa para os cantos. A falsidade de muitas das alegações dessas redes

foi comprovada pelas checagens de fatos, e em 2018 partes delas foram derrubadas pelo Facebook por “comportamento inautêntico coordenado”.²⁷ Um dos sites que mais cresceu no Facebook naquele ano foi o Daily Sentry; seus vínculos com a desinformação russa foram expostos pelo Rappler²⁸ (não era coincidência que fosse o site que mais atacava o Rappler) antes de ser derrubado. Em 2020, o Facebook também derrubaria operações da China que burlavam a imagem de Marcos e faziam ataques a mim e a outros jornalistas. Contudo, a rede de Marcos continua crescendo, produzindo e difundindo conteúdos numa escala que supera em muito os da grande imprensa filipina.²⁹

Quando Marcos declarou que concorreria à presidência, em 2021, suas redes já dominavam as mídias sociais. Talvez por isso não tenha gastado nada em anúncios de Facebook no começo da campanha e por isso recusasse debates e entrevistas com jornalistas que imaginava que fariam perguntas difíceis.³⁰ Não precisava conquistar ninguém, pois já tinha um público cativo. Afinal, ele dizia, a época para se falar de questões de 35 anos atrás estava encerrada. Seu discurso de vinte minutos, que dava o pontapé inicial na campanha, não tinha platformas, nem quê, nem porquê, e é claro que não fazia menção aos milhares de mortos sob o regime de seu pai, aos milhões que perderam seus empregos, aos trilhões de pesos filipinos em dívidas públicas e aos escândalos de corrupção que vieram junto. Ele, contudo, descrevia repetidas vezes um futuro glorioso e prometia tornar as Filipinas grandiosas outra vez.

Àquela altura, o problema global do nosso ecossistema de informação era evidente: eu tinha passado boa parte de 2020 tentando entender como lutar contra a tecnologia que virava nosso mundo de cabeça para baixo. Eu me dei conta de que o restante do mundo poderia, mais uma vez, olhar para a experiência

do Rappler nas Filipinas, usá-la para entender os próprios contextos e situações políticos e descobrir como revidar.

Minha esperança é de que outros consigam replicar nossos três pilares — tecnologia, jornalismo e comunidade — para lutar e progredir.

Primeiro, precisamos exigir que a tecnologia assuma sua responsabilidade.³¹ É preciso partir de ações do governo, já que as empresas proprietárias das redes sociais consideram a pressão e o clamor do público algo que pode ser ignorado sem perigo nenhum. Mas, além da legislação, a única forma de lutar contra a tecnologia é com tecnologia. Uma coisa que fizemos no Rappler foi inventar e lançar o Lighthouse, uma plataforma tecnológica feita por jornalistas para tentar preservar o discurso público em torno dos fatos.

O segundo pilar é proteger e fomentar o jornalismo investigativo. Uma iniciativa global que ajudei a conduzir foi a International Fund for Public Interest Media, uma solução de curto, médio e longo prazos para a queda na receita oriunda de anunciantes em órgãos de imprensa no mundo inteiro. Um governo que acredita na democracia deve investir seu dinheiro no lugar onde mandam seus princípios — bom, é essa a ideia: aumentar os 0,3% de fundo de assistência oficial ao desenvolvimento, achando-se novos financiadores para o jornalismo.³²

Havendo financiamento, os jornalistas precisam de proteção, a começar pela legislação. A impunidade tem que acabar. A parceria com Amal, Caoilfhionn e a equipe de Covington me mostrou como são frágeis os respaldos jurídicos aos jornalistas mundo afora. Em muitos sentidos, advogados também estão de mãos atadas, e, assim como no caso dos fundos de assistência oficial ao desenvolvimento das nações democráticas, é preciso haver um esforço sistêmico conjunto em prol de uma lei internacional. Faz sentido que sem fatos não possamos ter leis, e assim não seja possível haver democracia.

Além da legislação, existem os riscos do mundo de antigamente: assédio físico e violência, misoginia e discursos de ódio. Autocratas fazem uso mais proveitoso da tecnologia, espionando impunemente jornalistas e ativistas pelos direitos humanos. E eles aprendem uns com os outros, aperfeiçoando o manual dos ditadores, uns defendendo os outros contra gestos antiquados tirados da caixa de ferramentas do Ocidente.³³ Sanções econômicas podem a força quando países como Rússia e China correm para acudir outros como Bielorrússia, Mianmar, Venezuela e Turquia. É aí que países que aderem a valores democráticos precisam de novos paradigmas, pois essas nações iliberais estão usando o poder coletivo que têm para enfraquecer entidades internacionais como a Organização das Nações Unidas e a Unesco.

Quanto ao nosso terceiro pilar, continuamos estabelecendo comunidades de ação cada vez maiores. O mantra: colaboração, colaboração, colaboração. Primeiro, colaboração global para proteger a linha de frente: os jornalistas. É por isso que o Comitê para a Proteção dos Jornalistas, o International Center for Journalists e o Repórteres Sem Fronteiras juntaram forças com mais de oitenta grupos pela liberdade de imprensa, da mídia e da sociedade civil do mundo inteiro na chamada Coalizão #HoldTheLine³⁴ — de início, para ajudar o Rappler, mas também outros jornalistas do mundo que necessitem de amparo. Mais tarde, a iniciativa se expandiria, ajudando a chamar a atenção para injustiças sofridas por ativistas pelos direitos humanos.

Continuamos criando coalizões em 2021: a #CourageON conectou grupos pelos direitos humanos, muitos dos quais tinham visto ataques virtuais se transformar em violência no mundo real. Com mais de 85 grupos, provamos que a união faz a força. Em meados de 2021, nos preparamos para as eleições com nossa coalizão #PHVote, mas em novembro de 2021 percebemos que teríamos de fazer algo mais. Precisávamos de uma medida de “quebrar o vi-

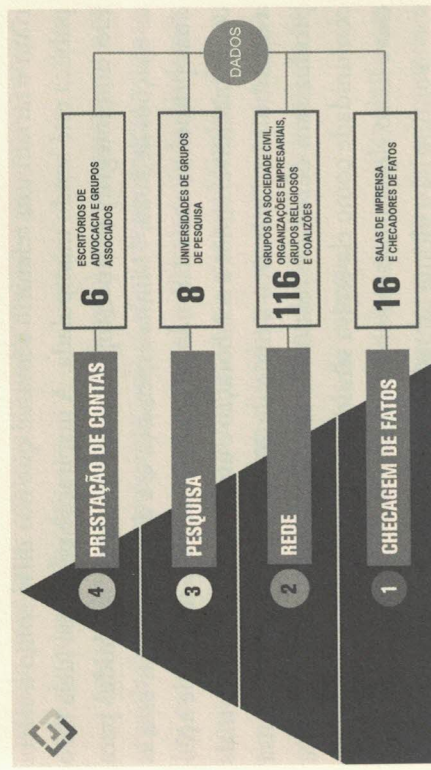
dro'. Portanto, com base nos dados e nas pesquisas que examinamos e no que havíamos enfrentado, comecei a sonhar com uma abordagem global da sociedade que batizamos de #FactsFirstPH,³⁵ com um chamado à ação às nossas comunidades.

Começamos pelos fatos. Fazemos algo pelo que luto desde 2016: grandes órgãos de imprensa colaboram numa defesa comum dos fatos. A competição impediu que isso acontecesse nas Filipinas, para o prejuízo de todos, permitindo que órgãos de imprensa fossem marginalizados pelas redes de desinformação Duterte-Marcos, que haviam transformado as operações de comunicação em guerra de informações. A meta é tentar juntarmos nossas pegadas.

Essa ideia surgiu com uma mudança de mentalidade do Rappler: em vez de agirmos só em prol dos interesses da nossa empresa, pegamos as lições que aprendemos e as compartilhamos com nossas concorrentes — é um risco para nossa empresa, mas, na batalha pela democracia, essa nos pareceu a opção correta do ponto de vista moral. Nisso se inclui como alcançar mais de 64% do nosso público através de mecanismos de busca.³⁶ Passamos do social para a busca depois de nos darmos conta de que as redes sociais estavam aviltando o jornalismo de qualidade.

Portanto, trabalhando juntos, criamos quatro camadas, conectadas por um fluxo de dados que diminuiria o tempo necessário para corrigir mentiras, para fazer com que a sociedade civil agisse e para que o sistema jurídico ajudasse a prevenir a impunidade. Estabeleci três objetivos: escala, impacto, dissuasão.

Na base está o cerne do jornalismo, algo que já não se encontra presente na mesma escala — a checagem de fatos. Quatro grandes órgãos de imprensa das Filipinas cimentaram a coalizão: ABS-CBN, News5, Interaksyon e Rappler. A eles se juntaram órgãos rurais e provincianos, para aumentar a distribuição geográfica e de hiperlocais. Quando cada um desses órgãos termina uma



checagem de fatos, passa à segunda camada, a que dei o apelido de “malha”. Cada membro do grupo pode pegar a checagem de fatos e repostar ou adaptar, dando créditos do trabalho ao primeiro órgão de imprensa. Também prometemos compartilhar a postagem desse órgão nas redes sociais. Com isso, atingimos duas metas: os links de cada um de nossos sites junta todos nós nas buscas do Google e nossos compartilhamentos enviam sinais algorítmicos que nos ajudam na distribuição.

A segunda camada desse processo do #FactsFirstPH envolve grupos da sociedade civil, grupos pelos direitos humanos, ONGs, grupos de empresas, a Igreja — ao todo, são mais de cem grupos que divulgam os fatos para suas comunidades com instruções de compartilhar com emoção. A malha colaborativa não só nos possibilitaria discutir e trabalhar juntos em tempo real como também fortaleceria a amplificação algorítmica que ajudaria todos nós a ascendermos juntos, garantindo uma difusão maior das checagens dos fatos.

A terceira camada é composta de pelo menos sete grupos de pesquisas de desinformação que pegariam os dados, os analisa-

riam e fariam um relatório semanal que nos diria como a esfera pública está sendo manipulada. A inspiração para essa ideia foi o Election Integrity Partnership formado nos Estados Unidos para as eleições de 2020.³⁷ Minha esperança era de que, ao ligar esta às duas primeiras camadas, não só encurtariamos o tempo de ação como incentivaríamos a colaboração e aumentaríamos ainda mais a distribuição. De março a maio de 2020, os grupos de pesquisa produziram dezenove relatórios semanais informando à nossa comunidade como ela estava sendo manipulada, quem se beneficiava disso e quem estava sob ataques.

Por fim, há a última camada, crucial e há muito tempo silenciada: os advogados — grupos dedicados à manutenção do estado de direito e à exigência de responsabilização. Do Movement Against Democracy ao Integrated Bar of the Philippines, da Philippine Bar Association ao Free Legal Assistance Group, a camada jurídica daria proteção aos que estão sob ataques e encontraria soluções jurídicas contra escolhas no design de plataformas, entrando com processos litigiosos táticos e estratégicos.

Vai funcionar? Não sei, mas eu tampouco sabia quando fundamos o Rappler como página de Facebook em agosto de 2011. Sem nenhuma solução verdadeira vinda das plataformas tecnológicas, não poderíamos simplesmente lavar nossas mãos. Não com a integridade das eleições em jogo. Sabíamos que nenhuma solução surgiria num passe de mágica. Portanto, fizemos o possível com o que tínhamos à mão: agimos e continuamos agindo todo dia. Esta, por enquanto, é a nossa única defesa coletiva. O único jeito de buscar uma solução é agir.

Começamos cerca de cem dias antes da eleição presidencial, quando estava claro que as mentiras se espalhavam bem mais rápido do que os fatos. Mais de 140 grupos da imprensa, da sociedade civil, da Igreja, da academia, do meio empresarial e de advogados se uniram — era uma iniciativa da sociedade como

um todo para lutar contra a desinformação e garantir a integridade de nossas eleições.

Apesar de termos precisado de quase três meses para nos organizarmos, foi empolgante, pois já não éramos apenas vítimas. Foi como criar uma startup nacional, e tivemos ajuda, pudemos contar com a Google News Initiative e a startup Meedan, de San Francisco, que oferecia uma plataforma, de dados e tecnologia, para conectar todas as camadas da pirâmide.³⁸ O lançamento foi animador, e todos mergulhamos de cabeça.

O primeiro sinal de sucesso veio duas semanas depois do que passei a chamar de momento “Vingadores, reúnam-se”, quando o procurador-geral Jose Calida, que tinha encabeçado a transformação da lei em arma, entrou com uma solicitação à Suprema Corte contra o Rappler e o Comitê pelas Eleições, acusando o Rappler de manipular as eleições e chamando a checagem de fatos de “censura prévia”.³⁹ Enfrentamos essa provocação de frente e continuamos expandindo nossas comunidades, obtendo êxito na criação da malha orgânica e do sistema de divulgação de fatos.

Funcionou? Plenamente. É o que os dados mostram. Caso sua nação esteja prestes a passar por um processo eleitoral, organize sua pirâmide de #FactsFirst um ano antes. O mínimo de tempo necessário é de seis meses.

Então, o mundo sofreu uma mudança drástica. Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia invadiu a Ucrânia. Um dia depois, no 36º aniversário do Poder do Povo, o feriado que marca a derrocada da ditadura Marcos, os comícios de campanha de Leni Robredo começaram a atrair públicos enormes. Tanto a Ucrânia como Robredo eram havia tempos alvos de desinformações, mas nas semanas seguintes ações coletivas de pessoas de verdade começaram a fazer a maré virar, abrindo as fissuras para a entrada de feixes de esperança e de luz.

Vladimir Putin havia invadido a Crimeia em 2014, anexando esse território da Ucrânia com a mesma estratégia dupla que mais tarde seria usada em outros lugares do mundo: suprimir e reprimir fatos desfavoráveis e depois substituí-los pela metanarrativa desejada. Nesse caso, era a ideia de que os inimigos da Rússia eram fascistas antissemitas impedindo crimeios e ucranianos de fazer o que queriam — se unirem à Rússia.

Oito anos depois, Putin usaria essa mesma metanarrativa para invadir a Ucrânia, destruindo a realidade para russos e ucranianos. Mas ele não contava com o comediante transformado em presidente Volodymyr Zelensky, que se recusou a abandonar a Ucrânia e conclamou sua nação à luta. A decisão de um homem frustrou os planos de Putin, inspirando não só os ucranianos, mas gente do mundo inteiro.

Nas Filipinas, os comícios de Leni Robredo começaram a reunir entre dezenas e centenas de milhares de pessoas, cidade após cidade, despertando um espírito de voluntariado que nosso país nunca tinha visto.⁴⁰ Para lutar contra a desinformação, as pessoas começaram a bater de porta em porta.

Esses acontecimentos fizeram de março um mês de ação. Nossa pirâmide #FactFirstPH cresceu, paralelamente à mobilização palpável de Robredo.

Mas não foi suficiente.

A paixão não basta quando se defronta com a execução sistêmica sustentada por décadas de preparo — da máquina política aos aliados em um sistema político feudal, norteados pelo clientelismo. A guerra na Ucrânia avançava a duras penas, com a morte de milhares de ucranianos e o desalojamento de milhões. E as operações de informação e redes virtuais criadas desde 2014 levaram Marcos, junto com sua parceira de chapa, Sara Duterte, de volta ao poder nas Filipinas.

Em 9 de maio de 2022, o inevitável aconteceu nas Filipinas. Não se esqueça: para onde nós formos, você também vai.

“A luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”, escreveu Milan Kundera.

Rimos de memes e nos esquecemos de nossa história. Até a nossa biologia, nossos cérebros e corações têm sido sistemática e perfidamente atacados pela tecnologia que nos dá as notícias e prioriza a distribuição de mentiras em vez dos fatos — de propósito.

Já vivi alguns ciclos da história, registrando as grandes oscilações do pêndulo que mais cedo ou mais tarde se estabilizaria e acharia um novo equilíbrio. Quando os jornalistas filtravam o nosso ecossistema de informação público, essas oscilações demonstravam décadas para se completar. Depois que a tecnologia assumiu o comando e abdicou da responsabilidade pela nossa segurança emocional, tornou-se possível mudar a história em questão de meses. Ficou muito fácil transformar nossa memória através de nossas emoções.

Quando isso aconteceu, destruiu o velho sistema de freios e contrapesos dos poderes e nosso mundo se modificou. Elegemos populistas incompetentes que atacam nossos medos, nos dividindo e botando uns contra os outros, alimentando e jogando combustível na raiva e no ódio. Nomearam funcionários iguais a eles: o objetivo não era uma boa administração, mas o poder. Assim como cupins que corroem a madeira, não percebemos que o chão onde pisávamos poderia desabar a qualquer instante. Preocupados com disputas pelo poder, esses líderes ignoraram os problemas existenciais que exigiam uma reação global.

A tecnologia não agiu sozinha: foi o catalisador que ateou fogo a gravetos acumulados por décadas de progresso liberal. Afinal, para cada ação há uma reação equivalente e contrária, segundo a terceira lei de Newton. Quanto mais progressistas nos tornamos — com os direitos das mulheres, casamento gay, socieda-

des mais plurais —, maior é a nostalgia de uma simplicidade que na verdade jamais existiu. A eleição de Barack Obama teve uma reação equivalente e contrária, a tempestade perfeita incitando o ressurgimento do fascismo sob um novo nome: teoria da substituição. Para saber do que se trata, basta ouvir alguma audiência do comitê selecionado para investigar o ataque ao Capitólio, de 6 de janeiro de 2021.

Hoje, uma nova onda emergente de líderes populistas de direita usa as redes sociais para questionar e fragmentar a realidade, desencadeando a raiva e a paranoia sobre um leito de mentiras exponenciais. É assim que o fascismo é normalizado e é onde a revolta política encontra o terrorismo, a vanguarda da violência em massa.

Essas ideias são recorrentes na história e sempre têm consequências violentas, de Mussolini ao Ku Klux Klan passando por Adolf Hitler, que escreveu em *Mein Kampf*: “Essa adulação pestilenta do sangue, que centenas de milhares dos nossos não levam em consideração, é praticada sistematicamente pelo judeu de hoje em dia. Sistematicamente, esses parasitas pretos no organismo nacional corrompem nossas meninas inocentes de cabelos loiros e assim destroem algo que já não pode ser repostado neste mundo”.

Essa fala ecoa nos dias modernos, no discurso do primeiro-ministro da Hungria Viktor Orbán, que inclui a teoria da substituição na ideologia de Estado: “Eu vejo o grande intercâmbio de população europeia como uma tentativa de suicídio que visa substituir as poucas crianças europeias, cristãs, por adultos de outras civilizações — migrantes”.⁴¹

Na mesma semana, em maio de 2022, ele fez o discurso de abertura da Conferência pela Ação Política Conservadora da América (CPAC), pela primeira vez organizada na Hungria, unindo a extrema direita dos dois lados do Atlântico. Em uma

pesquisa de opinião feita então, 59% dos membros do Partido Republicano dos Estados Unidos disseram que votariam em Donald Trump caso as primárias republicanas acontecessem naquele momento.⁴²

Qual é o prenúncio? Matanças. A teoria da substituição é incorporada nos manifestos dos autodeclarados fascistas, radicalizados pela internet, de Oslo, na Noruega, até Christchurch, na Nova Zelândia, passando por Buffalo, em Nova York.

A situação vai piorar antes de melhorar.

Pois bem, como enfrentar um ditador?

Através de princípios, definidos logo no começo — eles são os subtítulos dos capítulos que você leu: honestidade, vulnerabilidade, empatia, deixar de lado as emoções, aceitar o medo, acreditar no bem. É impossível fazer isso sozinho. É preciso criar uma equipe, fortalecer sua área de influência. Depois conecte esses pontos de luz e os entrelace para criar uma malha.

Evite pensar em termos de “nós contra eles”. Ponha-se no lugar dos outros. E não faça com os outros o que não gostaria que fizessem com você. A tecnologia já mostrou que seres humanos têm muito mais coisas em comum do que diferenças: as plataformas manipulam insidiosamente nossa biologia, independentemente da nacionalidade ou cultura. A ideologia fascista, seja ela chamada de “grande substituição” ou não, opõe a homogeneidade aos inimigos domésticos, que inevitavelmente defendem a democracia e seus ideais. Isso está acontecendo não só no Ocidente, como na Índia, em Mianmar, no Sri Lanka, nas Filipinas. Todos temos nossos Pol Pots, que fustigam a violência baseada no nós contra eles.

Em 2018, em Washington, DC, fiz um apelo em nome do futuro. A governos e políticos: não manipulem a pior faceta da natureza humana em busca de poder, pois isso prejudica a próxima

geração. Eles não me deram ouvidos. Por que abrir mão de um caminho certo rumo ao poder? As plataformas de redes sociais, eu disse: “Seu modelo de negócios tem dividido sociedades e enfraquecido democracias. A personalização diz que minha realidade é diferente da sua e que cada um pode ter a própria realidade. Mas todas essas realidades precisam coexistir na esfera pública. Não é possível que nos separem a ponto de não conseguirmos concordar sobre os fatos”. Eles não me ouviram, e hoje em dia a situação está ainda pior. Aos jornalistas e ativistas, pedi que perseverassem, e nós perseveramos — fazendo enormes sacrifícios.⁴³

Quanto a mim, há momentos em que enfrento dificuldades. Como me recuso a parar de fazer meu trabalho, perdi a liberdade de viajar. Não tenho como planejar minha vida porque ainda há sete processos que poderiam me mandar para a cadeia pelo resto da vida. No entanto, me recuso a viver em um mundo como este. Exijo que as coisas melhorem. Nós merecemos que melhorem.

No discurso do Nobel, pedi uma defesa pessoal de nossas democracias — de nossa liberdade, da igualdade. Tentei detalhar como fazê-la neste livro: como ela vai do pessoal ao político, dos princípios individuais à pirâmide de ação coletiva. Soluções existem: no longo prazo, o mais importante é a educação, portanto começa agora; no médio prazo, leis e políticas para restabelecer o estado de direito no mundo virtual — criar uma perspectiva da internet que nos una ao invés de nos afastar. No curto prazo, agora, somos apenas nós: colaboração, colaboração, colaboração. E para isso precisamos de confiança.

Não será fácil. Você vai sentir vontade de desistir, de enfiar a cabeça na areia, mas, se agir assim, vai contribuir para assegurar a ruína do nosso mundo, a manipulação dos seus filhos, a destruição dos seus princípios e a devastação da nossa terra. Vivemos um momento existencial.

Quando tive vontade de desistir, foi o texto de Twink que me despertou. Ela estava à beira da morte e escolheu lutar: por mim, pelos filipinos, por um bem maior. Não podemos sentir pena de nós mesmos. Agora é hora de agirmos.

Eu acredito em *você*.

Eu acredito em *nós*.